

MFC Editora

LIVROS DE FORMAÇÃO CRISTÃ PARA A FAMÍLIA



"O Assunto é Casamento"

Manual para agentes de pastoral



"Ponto de Partida"

Temário de iniciação para grupos



"Amor e Casamento"

Livro para os que vão se casar



"Um Passo Adiante"

Temário de formação para grupos



"Coleção Fato e Razão"

Coletâneas de artigos variados

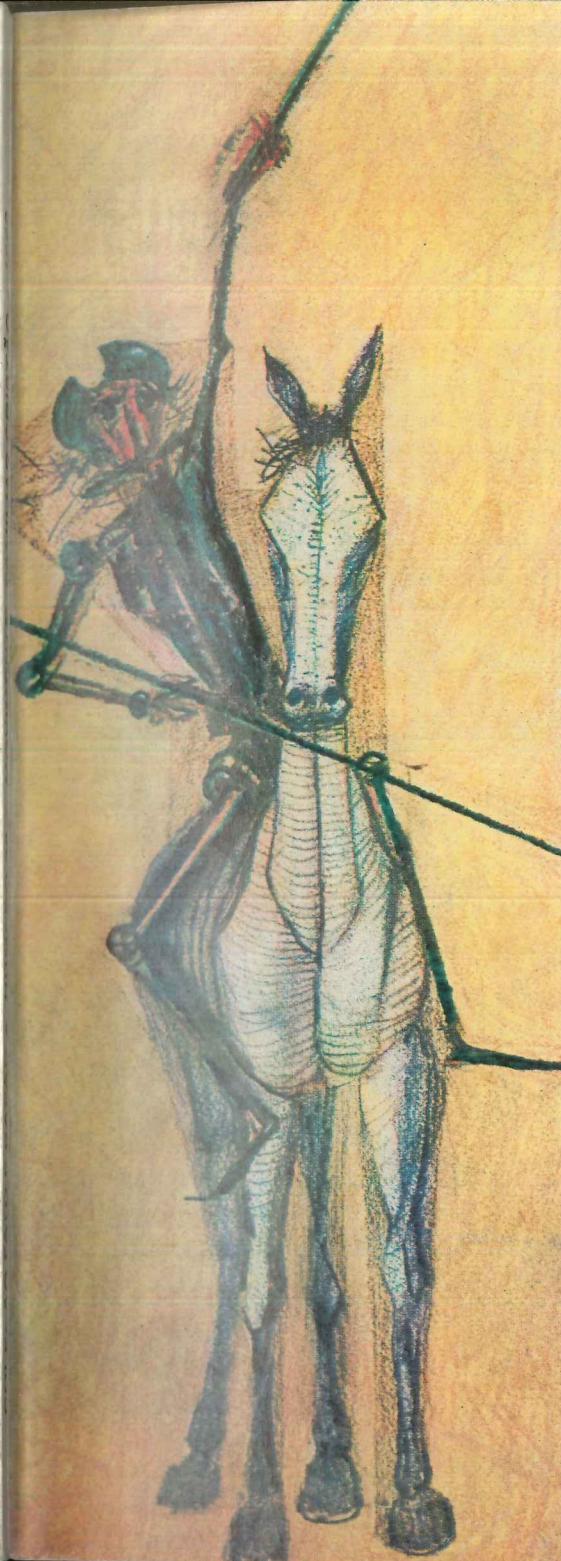


"Os Pés na Terra"

Temário para grupos de famílias

LIVRARIA MFC

RUA ESPÍRITO SANTO 1059 / 1109 – 30160-922 BELO HORIZONTE – MG
PEDIDOS POR CARTA OU TELEFONE: (031) 273-8842



fato e razão

Saudades do futuro
Brazil
Amor, essa beleza sexualmente transmissível
Os filhos vão à escola
As famílias da miséria
Central do Brasil, o filme
Os desafios do Pe. Rossi
Com olho de peixe
O piano de cada um
A mística das religiões e a paz
Poema
Os bancos agradecem,
os pobres se lascam
O que temos que consertar
neste mundo
Em busca do homem total
Salário-mínimo aumentou
vinte centavos
Sem trabalho... por quê?
Descriminar é a solução?
Mulher, essa "imbecilis naturae"
O presidente, a Igreja e a
política
O testemunho do peregrino
Uma solução neoliberal
para as guerras
Proposta: vamos comer
nossas crianças!

Recado ao leitor

Aqui estamos, caro leitor, à espera dos seus comentários sobre esta coleção *Fato e Razão*. Mais um número chega às suas mãos, para leitura, reflexão, discussão e coleção.

Esta é a intenção dos editores: provocar, questionar, motivar debates e, assim, alimentar um processo pessoal e coletivo de evangelização e de conscientização social e política.

Neste número, como sempre, oferecemos matérias variadas, para atender aos diferentes interesses dos leitores. Para confirmar se este objetivo está sendo alcançado, esperamos a sua carta: sugestões e críticas serão sempre muito bem recebidas.

Alternam-se nesta edição matérias centradas na vida familiar e nas suas relações internas, com outras de análise e crítica social, com muito espaço dedicado a questões eclesiás de interesse do Povo de Deus.

Não deixamos de incluir artigos e rodapés em que se transmitem idéias, pensamentos e notícias, às vezes divertidas, mas sempre com a mesma intenção de provocar a reflexão e o crescimento da consciência crítica e da sabedoria, esse processo que dura a vida inteira.

Esperamos que esta edição de *Fato e Razão* lhe ofereça tudo isso, amável leitor.

H. & S. A.

fato
e razão

38

Sumário

Saudades do futuro, 2

Frei Betto

Brazil, 4

Editorial

Amor, essa beleza sexualmente transmissível, 8
"Contacto"

Os filhos vão à escola, 10

Rubem Alves

As famílias da miséria, 14

Marcos Gomes

Central do Brasil, o filme, 21
Editorial

Os desafios do Pe. Rossi, 24

Luiz Alberto Gomez de Souza

Com olho de peixe, 29

Rubem Alves

O piano de cada um, 32

Sueli Carneiro

A mística das religiões e a pax, 34

Marcelo Barros

Poema, 37

Beatriz Reis

Os bancos agradecem, os pobres se lascam, 38
Helio Amorim

O que temos que consertar neste mundo, 41

Em busca do homem total, 42

Munir Cury

Salário-mínimo aumentou 20 centavos, 48
Helio e Selma Amorim

Sem trabalho... por quê?, 50

Pedro Ribeiro de Oliveira

Descriminar é a solução?, 56

Roberta Paduan Álvares

Mulher, essa "imbecilitas naturae", 61

Itamar Bonfatti

O presidente, a Igreja e a política, 62

Frei Betto

O testemunho do peregrino, 66

Beatriz Reis

Uma solução neoliberal para as guerras, 74

Helio Amorim

Proposta: vamos comer nossas crianças!, 78
Jonatham Swift

Ano desta edição: 1999.

A vida é um jogo de surpresas e são indecifráveis os truques de suas mágicas.

Saudades do futuro

Frei Betto
Escritor

Na régua do tempo, miramos o passado, ora com olhos nostálgicos, ora com supremo alívio de quem sobreviveu à borrasca. O que passou tem sabor de doce de leite no tacho, som de sino da matriz, cheiro de goiaba ou a dor de uma ferida aberta no centro da alma, o direito recusado, o gosto amargo do desamor.

O futuro é ilusão temperada na fé. Dele nada se sabe e, no entanto, tudo se espera: o amor ávido, o bem-estar diletante, a irrupção final e feliz do ser que somos e não temos sido. Apropriar-se de si mesmo, dando-se o direito da ociosidade criativa e sobretudo, orante. Deus como preguiça da alma. O amor como supremo deleite, só encantos. Agora é o presente, minúsculo microssegundo de uma constatação que já se faz passado pelo futuro implacável.

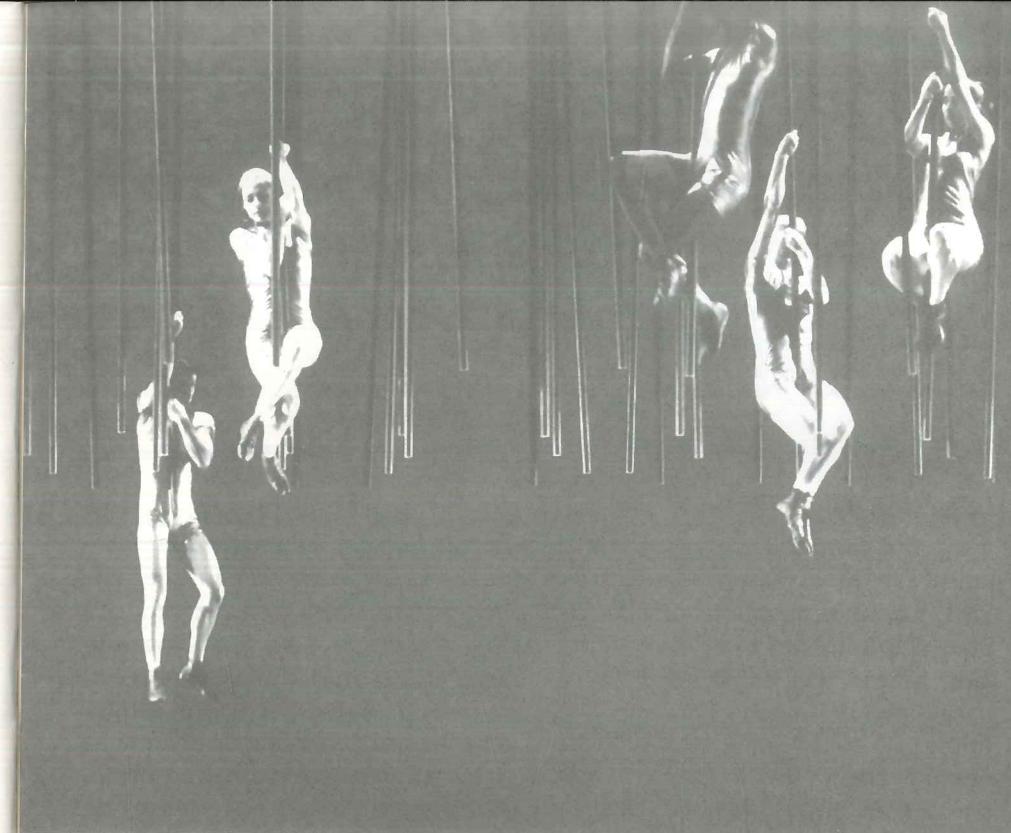
Nessa espera, vislumbramos minudências: guardar no olvido a sonegação da ternura, reinventar a vida ao amanhecer, perfumar espinhos, limpar a lama dos pés, criar asas no lugar dos braços e alçar vôo. Aplacar a sede de Deus no gesto libertário e provar o Verbo que se fez

carne para ter certeza de que tem mesmo sabor de justiça. Repartir o pão e embriagar-se no vinho de nossa redenção.

Esperar na abolição cabal de todos os determinismos, inclusive o que decreta o fim da história, e o reconhecimento de que o próprio compasso dialético encontra-se quanticamente indeterminado, sujeito aos protagonistas individuais e coletivos que agem de modo imprevisível.

A vida é um jogo de surpresas e são indecifráveis os truques de suas mágicas. Esperar em Jesus, sublinhando os valores que ele encarnou: o cuidado dos pobres, a misericórdia aos faltosos, a tolerância para com o diferente, a desconfiança frente aos próprios desejos, o coração dilatado à misteriosa e sedutora presença do Amor.

Graças inacessíveis àqueles que nada esperam, inflados em seu ego, prepotentes geômetras da razão, arautos de uma opulência que ofende o haitiano cenário de nossas metrópoles repletas de corpos deambulantes. Esbeltos, exalam o desagradável suor de sua obesidade de espírito.



Guardar no olvido a sonegação do amor, reinventar a vida ao amanhecer, alçar vôo...

Esperar é ousar renascer, advir, vir de novo, recomeçar, na fulgurante arte de tecer a vida nisso que ela tem de mais íntimo e cotidiano, bordado que une fios invisíveis da aventura espiritual e da poesia.

Um pouco menos de tarefas, agendas e inadiáveis compromissos. Subtrair-se à própria e presunçosa importância. Deixar que os ponteiros do relógio volteiem como birutas de aeroporto. Um pouco mais de ociosidade,

de gratuidade amorosa e de alegria despudorada, sem levar muito a sério esse episódico existir, singular brincadeira de Três Pessoas que, no clima de Páscoa, voltam a ser criança e se divertem com a bola do Universo.

E nos revelam segredos escatológicos, inclusive o de que, no ponto final, seremos todos acolhidos por Aquele que nos quer eternos. Porque Ele é terno.



"Aprender a tagarelar com Deus..." (Guy de Larigaudie).

Recentemente o governo fez um novo acordo com o FMI, explicado na TV em esquisita entrevista conjunta do ministro brasileiro e do representante do Fundo.

Brazil

Equipe de Redação

Foi como nos bateu a recente entrevista do vice-diretor-gerente do FMI, carinhosamente chamado de Stan pelo ministro brasileiro. Vê-los lado a lado, em entrevista coletiva para o mundo, passou uma esquisita impressão sobre quem comandava e quem obedecia na escolha de rumos para a economia deste país.

Ali se decidia a sorte do emprego, da saúde e das políticas sociais para milhões de brasileiros. Mas não parecia um debate, uma troca de idéias ou gentil oferecimento de conselhos. Eram diretrizes claras, rígidas e objetivas, trazidas de fora do país, um traje importado, pronto para usar, "prêt-à-porter".

Assim, o único direito do usuário da roupa nova é o de tentar usá-la com certa elegância e com o que resta de dignidade. Essa postura é a que se exprime com as frases presidenciais clássicas do tipo "fiquem calmos que está tudo sob controle".

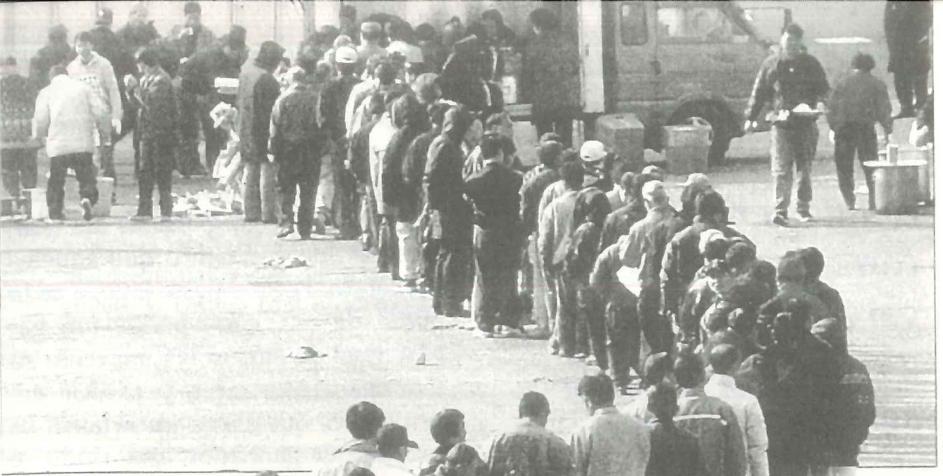
O episódio da nomeação-surpresa de um novo presidente do Banco Central, que pode ser até mesmo o gênio do mercado que

dizem ser, foi extremamente inoportuna e infeliz: a versão que passará à história será a de que foi decidida e imposta pelo FMI. Vivendo nos Estados Unidos há anos, a serviço de um megaespeculador estrangeiro famoso, este senhor arruma as malas às pressas e retorna ao Brasil, diretamente para o novo posto de comandante da moeda brasileira.

Os fatos podem estar provando outra coisa, e que o escolhido seja mesmo competente, mas a versão prevalecerá sobre os fatos, como diria o Dr. Alkimin.

Para o cidadão comum, daquela melancólica entrevista de um protagonista lá de fora e um coadjuvante cá de dentro, e da estranha e súbita troca de comando no Banco Central, o Brasil que emergia se escreve com z. Era o resultado da inserção subalterna do país no mundo globalizado.

Por esse modelo de inserção, que aposta imprudentemente no êxito da ordem neoliberal internacional, parece que não há mais escolhas soberanas nacionais. O coman-



A Coréia do Sul adotou o modelo de economia que hoje se impõe ao mundo. Surgiu como potência econômica. Com a crise atual do sistema, crescem as filas por um prato de comida

do das nações passou aos especuladores internacionais e aos organismos multilaterais que decidem a quem salvar da ruína e a quem deixar quebrar irremediavelmente. O Banco Mundial, por exemplo, logo anuncia a suspensão de novos financiamentos ou de liberações de financiamentos já contratados se governos não obedecerem à cartilha imposta.

O que o FMI exige basicamente é a contenção, até chegar à eliminação, do déficit público (meta desejável e fácil de alcançar em países ricos, não endividados acima das suas possibilidades de pagamento, e sem urgências sociais inadiáveis). Para isso, impõe-se a elevação dos

juros que gera recessão econômica e desemprego, além de brutal aumento da dívida pública do país.

Em consequência, eleva-se também o déficit público que essas medidas pretendiam conter e eliminar. Por sua vez, a recessão reduz as receitas de impostos, pela redução da atividade econômica.

Menos produção industrial e menos vendas resultam em menor arrecadação de impostos e, portanto, novamente, o aumento do déficit público.

Maior desemprego aumenta a necessidade e urgência de maiores gastos sociais, com mais aumento do famoso e mal falado déficit. Isto se não se pretende que brasileiros desempregados morram de fome, como no Sudão africano. Em suma, o re-

A toda expressão de sofrimento de perdedores desse jogo financeiro, retratada nos jornais, correspondem gargalhadas de prazer dos que ganham o que aqueles perderam.

médio acaba agravando a saúde do enfermo e pode levá-lo a uma dolorosa agonia.

Nesse quadro - insensato e contraditório até que nos provem o contrário - os especuladores deitam e rolam. Banqueiros e doleiros habilidosos, por exemplo, ganharam rios de dinheiro com a manipulação do cambio liberado. O dólar foi negociado por valores absolutamente absurdos e irreais. Como se atribuem esses valores ao deus mercado, tudo se transforma em verdade neoliberal. É o divinizado "valor de mercado". Mas os que compram o dólar, espertamente manipulado acima do seu valor real, por necessidade ou por má informação, vão pagar a conta daqui a pouco. Para alegria dos que armaram a arapuca.

As flutuações bruscas das bolsas de valores no início do ano, também transferiram rios de dinheiro de muitos para poucos bolsos, já que somente os grandes investidores são capazes de bancar esse jogo pesado. Compram quando as bolsas desabam e esperam o momento certo

para vender nas altas que vão acontecer depois de alguns dias.

A toda expressão de sofrimento de perdedores desse jogo financeiro, retratada nos jornais, correspondem gargalhadas de prazer dos que ganham o que aqueles perderam. Porque nesse jogo, a cada perda de um, corresponde um ganho igual de outros. Na imprensa só tem graça mostrar o perdedor desesperado, que chora ou arranca os cabelos. O ganhador está rindo, e quem ri não é notícia...

Ora, suspeitamos que quem ganha mais nesse esporte está lá fora, são especuladores internacionais ou seus testas-de-ferro tupiniquins. As contas desses chamados megaespeculadores, como o expatrião do presidente do Banco Central, estão geralmente nos paraísos fiscais, livres de impostos. São pessoas ou empresas privadas, mas suas decisões de investir ou não investir em algum país, ou de transferir seus dólares de um para outro, influem decisivamente nas políticas nacionais, geram crises como a que estamos vivemos, e sujeitam nações à subordinação humilhante aos organismos financeiros internacionais.

Parece que está tudo errado. Não somos, não queremos ser um Brazil com Z. Deve haver outros caminhos alternativos. Talvez não sejam os economistas aqueles que os descobrirão. O Betinho já reclamava há anos: "se a economia não serve para dar comida, educação, teto e saúde para a população, a economia não serve para nada". Parece que sabia o que dizia.

Aliás, não há qualquer indício de consenso entre esses prestigiados profissionais sobre os caminhos que devemos seguir. Um deles, Joseph Stiglitz, considerado um gênio da economia, atualmente vice-presidente do Banco Mundial, considera muito ténues as possibilidades de êxito das receitas impostas pelo FMI para o nosso país. Diz ele, sentado em sua cadeira de gestor do Banco, que elas não deram bom resultado nas suas dezenas de intervenções semelhantes anteriores, em diferentes países... Então, como ficamos, nessa subserviência ao FMI? Outros economistas também geniais afirmam exatamente o contrário. Certo parece estar aquele economista anônimo, mais humilde, que afirmava no auge da crise: "Quem diz que sabe o que vai acontecer com o Brasil está mal informado..."

Haverá saídas - ou estamos, mesmo, fritos? O presidente da Colômbia, em entrevista recente a uma emissora brasileira, afirmava que a única saída para as nossas crises comuns seria a verdadeira integra-

- *Quais os efeitos da crise econômica nacional em nossa cidade? Há fatos que têm relação com essa crise? Há pessoas e famílias atingidas? Dá para sentir-se alguma consequência sobre o comércio e a indústria locais? Exemplos.*
- *Há desemprego na cidade? Tem crescido ou diminuído? Algo está sendo feito para enfrentar esse problema?*
- *Há sinais de superação da crise? Exemplos.*
- *O que podemos fazer?*

"Se a economia não serve para dar comida, educação, teto e saúde para a população, a economia não serve para nada". (Betinho)

ção da América Latina, para uma virada de mesa, com todas as suas consequências traumáticas de curto prazo, mas possível reversão do quadro atual a médio prazo. Uma espécie de união de falidos, com enorme potencial em todos os sentidos, exceto em capital financeiro, e que representam um imenso mercado para o mundo rico, com força para negociar e criar uma nova qualidade de relações políticas e econômicas internacionais. Quem sabe, é por aí?

Mas enquanto não se acha a saída possível, o brasileiro está precisando de algum polimento no seu ego: voltemos, pelo menos, ao Brasil com S.

"Cesta básica. Eles foram perfeitamente honestos chamando essa coisa de sexta básica: no sábado, já está completamente vazia". (Millôr Fernandes).



*A curva de seus quadris assemelha-se a
um colar... seu umbigo é taça redonda
cheia de vinho perfumado."*

(Cântico dos Cânticos 6,2-3)

Amor, essa beleza sexualmente transmissível!

Editorial de "Contacto"
MFC Juiz de Fora, MG

Superada finalmente a visão distorcida que considerou durante séculos e séculos o corpo como algo "sujo... chorando e gemendo neste vale de lágrimas". Com isto, feliz e finalmente estamos conseguindo separar sexualidade de procriação e por consequência, ultrapassando a míope visão do orgasmo, do erótico e a da sensualidade como pecados.

Claro que tais conquistas exigem caminhada para que não fique negligenciado o direito à felicidade prazerosa de nosso corpo. Mais ainda. Que não seja considerada maneira extravagante quando marido e mulher disserem um ao outro que se amam... também sexualmente. Não é lindo o sacramento da intimidade?

É missão profético-sacramental do casal o redescobrir e o sentir constante a presença de Deus no toque sensual e gostoso dos seus corpos dizendo, inclusive, um ao outro onde e como gosta de ser tocado. Importante recordar: se é pra-

zeroso para o amor, humaniza o corpo e assim sendo anuncia o Senhor entre os dois. Isto ajudará na auto-confiança, tranqüiliza a relação do casal, levando ao crescimento. Espiritualiza, enfim! Que a pele e o genital sejam cada vez mais fortalecimento do amor que erotiza, que toca e sensualiza.

Nesta postura será conseguido mais aprofundamento do saber teológico nas dimensões espirituais de nosso todo, por sinal muito algemado e engessado por determinada visão moralizante ainda no inconsciente de muitos. Por ter participado passivamente, quase uma eternidade, de uma maioria silenciada caberá à mulher esse iniciar do sentir Deus em seu corpo.

Além de ter no seu corpo a graça do gerar – grandeza que sempre assustou o universo masculino – ela participará ajudando a teologizar melhor sobre tudo que tem sido anunciado a respeito da sexualidade,

Que não seja considerado extravagante quando marido e mulher disserem um ao outro que se amam... também sexualmente. Não é lindo o sacramento da intimidade?

por sinal, vista ainda muito sob o enfoque do masculino, quando não também na ótica celibatária.

A mulher vem conseguindo provar no dia-a-dia e cada vez mais,

- *Como a sexualidade é apresentada em filmes, e nos programas e novelas de TV? Exemplos de episódios, cenas e comportamentos que vemos nos meios de comunicação e na vida real, que traduzem diferentes maneiras de viver a sexualidade.*
- *Como se vive a sexualidade em nossos dias? Expressão de amor? Banalização do erotismo? Celebração que humaniza ou prática de dominação? Exemplos.*
- *Como transmitir uma visão libertadora e plenamente humana da sexualidade aos nossos filhos?*

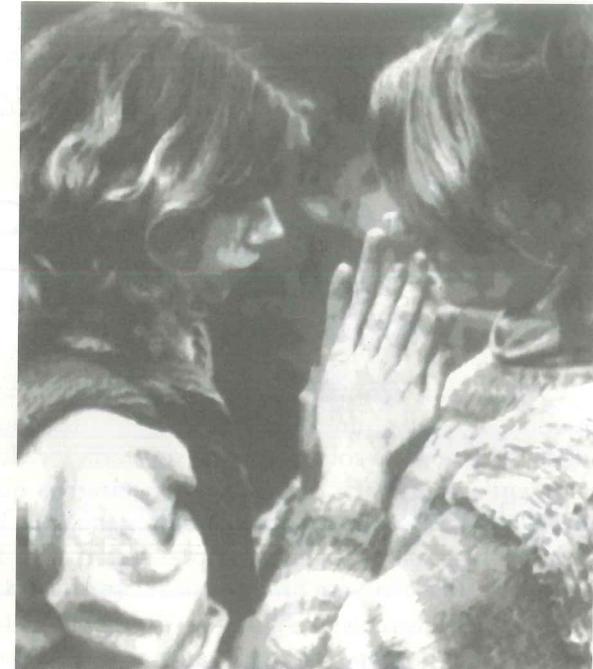


Frases que a gente guarda e recorda...

"Há muitas coisas mais importantes que o dinheiro! Mas custam tão caro!..."
(Groucho Marx)

"O Homem é o capital mais precioso". (Karl Marx)

"Há pessoas silenciosas muito mais interessantes que os melhores oradores".
(Disraeli)



O que estarão as escolas fazendo com os nossos filhos? Todo cuidado é pouco...

Os filhos vão à escola

Rubem Alves
Escritor, psicanalista

Bom pai, boa mãe, mandando os filhos à escola, ninguém tem dúvidas de que isso é coisa certa que se faz sem perguntar, obrigação de todo pai, os filhos precisam ser educados, o futuro vem aí, a escola prepara para o futuro, sem diploma fica mais difícil arranjar emprego, é sempre uma garantia, assim a gente pode morrer sossegado...

E por causa disso, porque todo mundo sabe que deve ser assim, que isso é o certo, ninguém pergunta sobre as operações que as escolas executam sobre as crianças. Por vezes elas regam e adubam, mas freqüentemente são amputações, torções, insensibilizações, inibições, aversões e paralisias o que elas impõem sobre a inteligência.

Gosto demais das bonsais, aquelas árvores em miniatura criadas pela paciência japonesa. Tenho várias, algumas que comprei, outras que amigos me deram. Mas fiquei assustado quando, uma vez, me veio a idéia de que a escola faz com as crianças aquilo que os criadores de bonsai fazem. Bonsai é uma árvore sem vontade própria. A vontade da árvore é ser grande. Aí o criador-artista discorda, diz que sabe o que é

melhor para ela, e vai, periodicamente, podando a sua raiz. Aí o criador de bonsais enrola nela uns arames que a torcem, para que ela fique do jeito como ele quer, torta, curvada, freqüentemente com uma expressão de sofrimento, árvore batida pelas tempestades.

Veja, exemplo disto, o filme "Sociedade dos poetas mortos". O filho queria ser a árvore que morava dentro dele, teatro, arte, poesia. Veio o pai e lhe disse: "Não, você não vai ser a árvore que você quer ser. Você vai ser médico. Sou seu pai, sou mais velho, sei o que é melhor para você." Vejam o filme. Antes, porém, comprem um livro com poemas de Walt Whitman.

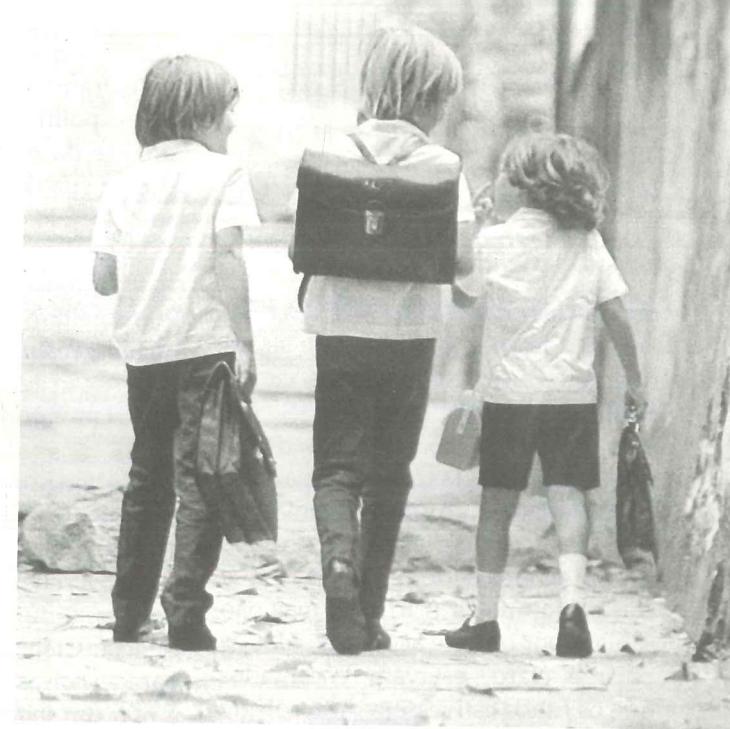
Por falar nisso, vocês que foram à escola e tiraram diploma: na escola leram os poemas de Whitman para vocês? Você們 aprenderam a amá-lo? Claro, claro, tiveram aulas de literatura. Aprenderam sobre escolas e estilos literários, a diferença entre lírico e épico, decoraram nomes e datas. Para passar no vestibular. Mas não aprenderam a amar Walt Whitman... Não era preciso. No vestibular não se pergunta se o aluno ama Walt Whitman. Você們 apren-

Nossos filhos se preparam na escola para serem pessoas humanas plenamente realizadas, comprometidas com a justiça e a solidariedade, sensíveis à beleza e à arte, ou simplesmente para serem peças dessa máquina chamada mercado, de que serão vítimas no futuro?

deram análise genética para fazer o cálculo de coelhos brancos, coelhos pretos e coelhos cinzentos, 'mendelianamente', aprenderam e esqueceram, como sempre acontece, mas não aprenderam a amar Walt Whitman, que os acompanharia a vida toda. Que pena!...

Todo mundo sabe, por isso ninguém pergunta. É praticamente inútil conversar com os pais sobre o assunto. Difícil conversar com os pais pobres. Eles lutam pela sobrevivência diária. Quem luta pela sobrevivência diária não pode se dar o luxo de plantar árvores que só vêm a frutos daqui a quinze anos.

Mais difícil é conversar com a maioria dos pais de classe média para cima. Eles pensam que sabem, e



sofrem da burrice específica de sua classe. Um conhecido, que vende equipamentos para consultórios médicos, me disse que é muito importante que nos equipamentos haja luzinhas, vídeos com curvas luminosas, e barulhinhos eletrônicos. Isso exerce grande fascínio sobre os clientes. Um consultório cheio de equipamentos deve ser um lugar mais confiável que um consultório onde só haja um médico com seus cinco sentidos e a sua inteligência.

O mesmo princípio se aplica às escolas: seus certificados de qualidade são os computadores e outros equipamentos que elas põem 1ª disposição dos alunos. Faz tempo, visitei um dos colégios mais famosos e badalados da região, colégio prefe-

Ciência é um jeito de olhar para as coisas e de pensar sobre elas e não um jeito de fazer truques em laboratório.

rencial das classes ricas. Ter um filho em tal colégio é tanto sinal de status quanto ter um BMW ou ser sócio da Hípica. Era uma feira de ciências: uma porção de aparelhinhos divertidos, os alunos fazendo os aparelhinhos funcionar. Aí eu fui conversar com eles, para me explicarem o que estava acontecendo, e descobri que eles sabiam fazer o truque, mas não sabiam por que ele acontecia. Mas os pais, é claro, estavam encantados que os filhos estivessem num colégio tão maravilho com tantos brinquedinhos caros.

Eu acho que os laboratórios, nas escolas, têm uma função educativa negativa: antes que qualquer coisa seja neles ensinada, eles ensinam uma coisa errada: que ciência é aquilo que acontece nele. Existirá coisa mais burra que pensar que ciência é coisa de laboratório? Na crônica, quando falei sobre história, minha queixa era semelhante. O ensino da história isola a história: faz os alunos pensar que história é uma coisa que acontece em algum lugar e tempo distantes da casa deles. Mas a história é um rio que passa por dentro da minha casa. Todos os objetos têm uma história. Todos os objetos me fazem mergulhar no passado dos homens.

12

Marx falava em "análise da práxis" – que os ativistas marxistas traduziram como análise das atividades políticas dos partidos. Mas "análise da práxis" é tomar um objeto, na sua condição imóvel, congelada, tocá-lo com o pensamento, e vê-lo ganhar vida, contando o processo através do qual ele foi criado. Se suspeitam de Marx, podem ir a Hegel: o resultado é o mesmo.

Caso idêntico é o da ciência. Os laboratórios silenciosamente dizem aos alunos que ciência é aquilo que acontece naquela sala onde se encontram aqueles aparelhinhos. Mas ciência não é nada disso. A ciência está em todos os lugares, tudo na casa tem a ver com ciência. Ciência é um jeito de olhar para as coisas e de pensar sobre elas e não um jeito de fazer truques em laboratório.

Penso um currículo centralizado na casa. A casa tem tudo para fazer pensar. Por que escolhi a casa? Porque a casa é o lugar da vida delas. A aprendizagem só acontece quando está ligada à vida. Lá encontram os objetos do seu cotidiano. Brincando com eles, as crianças aprenderão a pensar. Pensar é brincar com as idéias.

Dirão que é pouco: o mundo é muito mais vasto que a casa. Acontece que esse vasto mundo é uma árvore cujas raízes estão na minha casa. Para se chegar à copa a criança tem de começar pelas raízes.

Assim aconteceu comigo. Meu interesse pela economia surgiu quando, aos seis anos perdi o sono, pensando em como me arranaria

para sobreviver, quando meu pai morresse. Meu interesse por coisas mecânicas se desenvolveu na minha casa, quando comecei a desmontar relógios. Meu interesse pela eletricidade apareceu quando eu resolvi construir um telégrafo de brinquedo, ao qual prenho dois fios descobertos que, ligados na tomada, provocaram uma explosão que me apavorou. Meu interesse pela química surgiu quando eu ajudava minha mãe a limpar os tachos de cobre de azinha-

vre, venenoso nas goiabadas. Adul-
to, aprendi que o verde-azinhavre é
precioso em objetos artísticos de
cobre, técnica de simples aprendiza-
gem: basta fazer xixi neles, como me
ensinou o Geraldo Jurgensen.

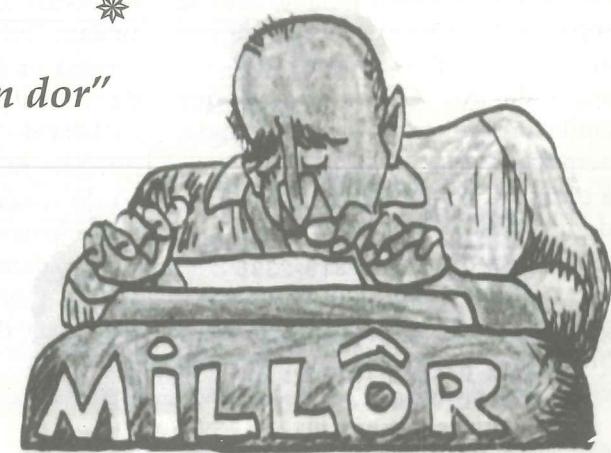
Por que enviamos nossos fi-
lhos à escola? Digo que é para que
eles tenham a alegria de pensar.
Resta perguntar se as escolas fazem
isso.

Extraído de "Tempo e Presença".

- *A escola realmente ensina a pensar? Educa para a autonomia responsável?*
- *Na escola se formam pessoas humanas conscientes e responsáveis ou autômatos preparados para um vestibular ou profissão lucrativa?*
- *Que participação temos na escola dos nossos filhos? Temos voz e voto nas decisões sobre essas questões? Ou só tratamos das notas das provas e da disciplina?*



"Pensamentos sem dor"



"Inflação tem suas compensações: o que você não tem hoje, vale muito mais do que o que você não tinha antes".

*"Recordes: um consegue ficar dezessete minutos embaixo d'água sem respi-
rar. O outro tem mulher e seis filhos e vive com o salário mínimo".*

*"A única vantagem de ser bem velho é que ninguém te chateia querendo ven-
der seguro de vida".*

"O cara só é sinceramente ateu quando está bem de saúde"

(Millôr Fernandes, revista Veja, 1994)

13

O número de miseráveis está aumentando, justamente como consequência da forma demorada e desorganizada com que vem sendo tratado o problema da distribuição de renda no Brasil.

As famílias da miséria

Marcos Gomes
Família & Vida, 1999

Menos filhos do que antes, média de três. Pai desempregado, que vive de "bicos", mãe ausente que trabalha fora de casa e, em muitos casos, apanha do marido. Ou então, mãe "chefe de família", que se separou do marido alcoólatra e cria agora seus filhos sozinha ou com ajuda da avó. Ou ainda, avó que cuida dos filhos de mãe separada, nem todos do mesmo pai. Tendência à desestruturação familiar, com falta de laços duradouros entre as pessoas.

Esse é o perfil de, seguramente, mais de 5 milhões de famílias brasileiras que vivem na miséria, isto é, abaixo da linha da pobreza.

Segundo estimativa da ONU (Organização das Nações Unidas), divulgada no final do ano passado, o Brasil tem 25 milhões de pessoas que vivem na miséria – 21% do total dos 160 milhões de habitantes de todo o país.

Cruzando esses dados com os de outras pesquisas, como as realizadas pelo Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística (IBGE), pelo Instituto Brasileiro de Economia Aplicada (Ipea) e por empresas jornalísticas como o DataFolha, chegamos a conclusões ainda menos animadoras: os pobres brasileiros continuam praticamente ocupando a mesma proporção da década passada no total da população, o que indica falta de atuação do governo nas questões sociais. Pior ainda, o número de miseráveis está aumentando, justamente como consequência da forma demorada e desorganizada com que vem sendo tratado o problema da distribuição de renda no Brasil.

Perfil

Segundo pesquisa do DataFolha, realizada no final do ano passado, 23% dos mais pobres (que ganham até 10 salários mínimos por mês) não chegam a oficializar o casamento no civil no religioso, enquanto entre os mais ricos (mais de



Wellington, morador de rua: "Estou na rua há dois anos e na última carta que mandei para a minha família disse que morava numa pensão".

20 salários mínimos) só 13% deixavam de fazê-lo.

A pesquisa mostra ainda que as famílias brasileiras, na sua maioria, diminuíram de tamanho (média de três filhos), e parte não segue mais o modelo tradicional de pai,

mãe e filhos morando numa mesma casa.

Do total da população com 16 anos ou mais, 37,9 milhões constituíram a sua própria família e moram com seus filhos menores ou adolescentes. Outros 23 milhões de pessoas

O grupo dos mais miseráveis é o que tem mais consciência da importância da família

ainda moram com os pais (16% do total), ou só com o pai (1%).

O grupo dos que moram com pessoas que não são seus companheiros, pais ou filhos, seria de cerca de 10 milhões (11%) e tende a aumentar. Os solitários e os casados sem filhos representariam 9 milhões de pessoas, enquanto os separados ou viúvos que moram com os filhos somariam mais de 6 milhões, perfazendo 6% da população – índice que vem crescendo nas últimas décadas devido ao grande número de separações.

O brasileiro também está casando mais tarde – aos 22 anos – o que possivelmente pode ser apontado como reflexo das dificuldades de arrumar emprego.

Lar incompleto

Dentro da linha da miséria, as famílias tendem a ser mais desorganizadas, em consequência das privações a que estão submetidas. Nesse verdadeiro mundo à parte, existe uma proporção maior de famílias nas quais a mãe sozinha cuida de dois ou três filhos, nem todos do mesmo pai; o que faz com que a maioria dos quase 2 milhões de brasileiros que vivem sós com os filhos

(2% do total da população) esteja dentro desta faixa social.

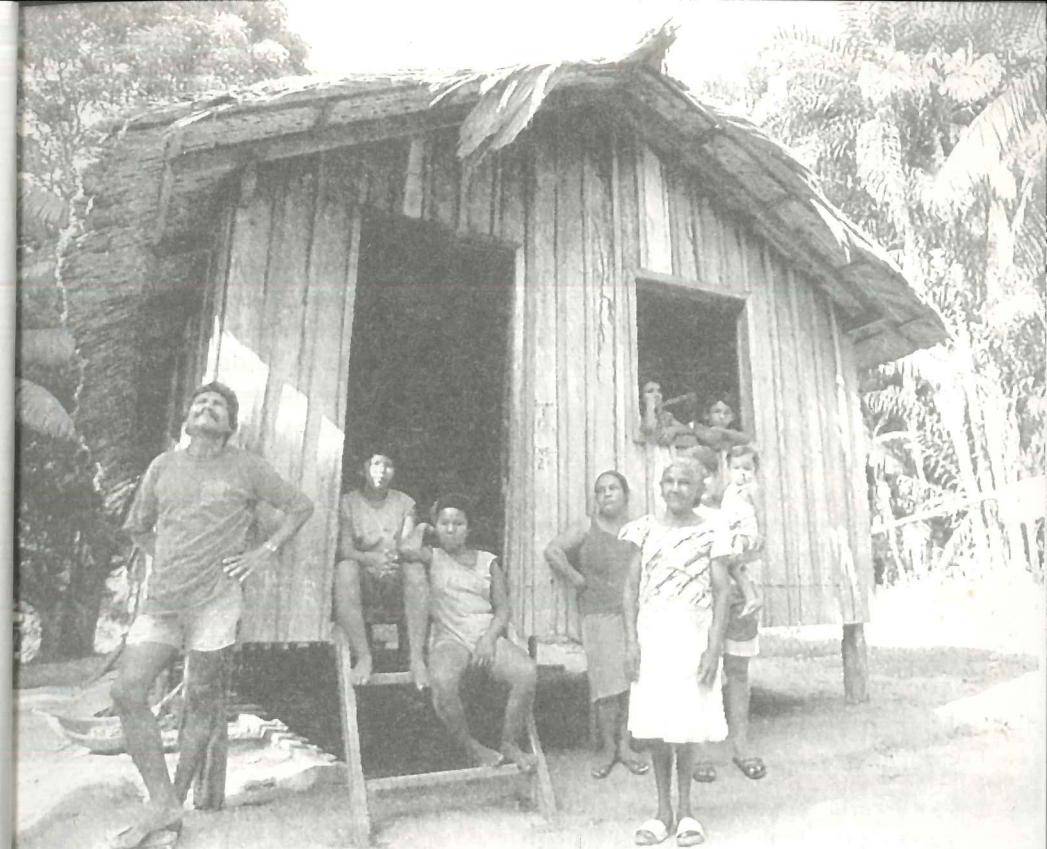
Cerca de 98% das famílias organizadas dessa forma são chefiadas por mulheres e a maioria (72%), devido a baixa renda, não recebe ajuda financeira do pai ausente.

Conseqüentemente, o relacionamento familiar dentro desse grupo é mais difícil (44% acham que seriam infelizes com uma união igual à de seus pais), e o nível de escolaridade, menor (72% não completaram o 1º grau).

Contrariamente, o grupo dos mais miseráveis é o que tem mais consciência da importância da família. Praticamente 100% consideram a vida familiar algo bom ou ótimo (o maior índice de aprovação entre todos os grupos pesquisados). Como justificativa desse posicionamento, os entrevistados alegaram como vantagens da convivência familiar o fato de ter sempre uma companhia e de poder receber e dar afeto.

As mães que criam seus filhos sozinhas também são mais dependentes emocionalmente: 57% afirmam que não poderiam viver sem os filhos. Apesar disso, elas são as que mais batem e agridem os menores (87% já o fizeram).

Mesmo sendo o número de famílias chefiadas apenas pela mulher maior entre os mais pobres e miseráveis, ele tende a crescer também em outras classes sociais. Nos Estados Unidos, por exemplo, 24% das famílias são lideradas apenas pela mulher – o dobro de 15 anos atrás.



Quase a metade dos 5 milhões de famílias brasileiras miseráveis vivem no Nordeste, onde cerca de 50% da população não chega a ganhar o suficiente para comprar uma cesta básica.

Nordeste

Segundo uma pesquisa do IBGE, quase a metade dos 5 milhões de famílias brasileiras miseráveis vivem no Nordeste, onde cerca de 50% da população não chega a ganhar o suficiente para comprar uma cesta básica. A cidade com mais miseráveis, segundo o IBGE, é Recife, capital do Estado de Pernambuco, onde 48% da população vive em favelas. Mas a miséria não restringe só aos Estados Nordestinos. A Região Sudeste abriga quase 3 milhões

de famílias indigentes (29% do total brasileiro). Em São Paulo – que tem aproximadamente 600 favelas – o contingente de favelados não chega a 7% da população. O maior número de favelas da Região Sudeste concentra-se no Rio de Janeiro, onde 16,5% da população moram nesse tipo de habitação.

A pernambucana Maria Luzinete dos Santos, de 34 anos, é um exemplo das privações que passa a população carente. Viúva há 13 anos, desde que o marido foi assassinado, ela sustenta cinco filhos com a pensão do marido, de apenas 100

Só na grande São Paulo, cerca de 5 mil pessoas vivem nas ruas, muitas delas constituindo famílias cujos filhos nunca moraram numa casa.

reais. Mesmo vivendo em Engenho Pindoba, na zona canavieira, não consegue emprego nem como bôia-fria. "As usinias preferem os homens, que são mais fortes. Nem sei como eu vivo, as pessoas me ajudam quando podem e a gente vai levando."

Lar nas ruas

Falta de moradia e de comida são os principais problemas da população miserável. Só na grande São Paulo, cerca de 5 mil pessoas vivem nas ruas, muitas delas constituindo famílias cujos filhos nunca moraram numa casa. Desses, 40% vieram do Nordeste e 30% de Minas Gerais. É o caso de Maria Aparecida da Silva, de seu marido, João, e de seus dois filhos. Eles vieram do Nordeste e moram debaixo de viadutos em São Paulo, onde nasceram e estão sendo criadas as crianças. "Já fiz curso de garçom e de auxiliar de escritório, mas não consigo emprego porque moro na rua e por isso vivo de catar papel", diz João.

Já Wellington Maciel, de 21 anos, evita falar no assunto. "Eu queria falar sobre os problemas de quem

mora na rua, mas tenho vergonha dos meus pais que estão lá na Bahia. Estou aqui há dois anos e na última carta que mandei disse que morava numa pensão", explica Wellington, que mora debaixo de um viaduto na Baixada do Glicério com a companheira Valdirene, de 17 anos.

Ele vive numa habitação improvisada com Valdirene e outras duas mulheres parentes dela; a tia e uma prima com uma criança de 6 anos. "Morei mais de um ano em pensão, mas fiquei desempregado e caí na miséria porque só pensava em diversão. Agora com a Valdirene eu tomei um rumo e quero sair desta vida. Trabalho com minha carrocinha, como catador de papel", conta Wellington. "Se eu tenho filhos? A Valdirene está grávida e eu tive outras garotas, que não vi mais..."

Números

Histórias como essas são comuns entre essa parcela da população, que é constituída predominantemente por homens (mais de 90%). As mulheres, talvez por instinto, procuram uma casa nem que seja em favela, para fixar-se e criar os filhos.

A maioria dos moradores de rua está em idade produtiva (70% têm entre 19 e 44 anos), mas não exerce atividade remunerada (64%). Quanto à escolaridade, a maior parte é semi-analfabetizada (47%), 39% têm primeiro grau incompleto, 8% concluíram o segundo grau, 3% são analfabetos e 1% é constituído por gente formada em universidade. A maioria (62%) vive na rua há no máximo seis meses.

A maior ameaça a essa população fragilizada é a tentação da auto-destruição com álcool e drogas, mercadorias cada vez mais barateadas. Uma pedra de *crack*, por exemplo, que é uma mistura de pasta de cocaína impura e bicarbonato de sódio, custa 5 reais e pode proporcionar algumas horas de torpor.

O número de moradores de rua tem aumentado desde o Plano Real. Segundo o Mapa da Fome de 1998, em todo o Estado de São Paulo existem 72 famílias vivendo na mais absoluta miséria, espalhadas por 112 cidades do Estado. A miséria não se restringe apenas à capital superpovoada e já migrou para o interior. Só em Campinas, por exemplo, existem 18 mil famílias (quase 75 mil pessoas) vivendo em condições de extrema pobreza.

Abaixo a pobreza

Um relatório da ONU publicado no final do ano passado mostra que no mundo 1,3 bilhão de pessoas vive na miséria, isto é, na pobreza absoluta e passando fome. Essa cifra chega a representar um terço da população dos países em desenvolvimento. O dado é, no mínimo, preocupante porque evidencia o fracasso do Encontro de Copenhague, que foi assinado por 186 países em 1995 e se comprometia a erradicar a pobreza a longo prazo, com um cronograma que previa reduzir pela metade, até o ano de 2015, a população mundial que vive abaixo da linha da pobreza. Diante da atual crise eco-

Os números desta pesquisa nos alertam para as distorções do modelo econômico que não tem saídas para o desemprego e é incapaz de assegurar condições dignas de vida para as famílias

nômica que atravessa o mundo, esse cronograma certamente não vai ser cumprido.

Dos 130 países estudados pela ONU, 43 tinham planos nacionais para combater a pobreza, 35 tinham esse projeto em seu plano básico de governo e 38 já tinham estabelecido as metas para solução do problema, assim como o prazo em que seriam resolvidos. No relatório da ONU, o Brasil não chega nem a ser incluído nesses 38 países em que as medidas estão mais avançadas, pois não estabeleceu cronogramas com prazos, embora tenha dados sobre seus pobres e sobre como combater o problema.

No caso do Brasil, segundo dados da ONU, cerca de 25 milhões de pessoas estariam vivendo abaixo da linha da pobreza, com rendimentos inferiores a 1 dólar por dia. Mas não há consenso sobre as bases de cálculo brasileiras, que variam conforme a metodologia do estudo e tendem a diminuir mais no papel,

por efeito de manipulação de critérios, do que na realidade.

Se a ONU diz que o Brasil tem 25 milhões de miseráveis, um estudo do IBGE, divulgado em 1992, concluiu que no Brasil havia 64 milhões de miseráveis (dez vezes o número de habitantes da Somália, país africano com os mais altos índices de miséria do mundo). Meses depois, as contas foram refeitas pelo Ipea, que acabou cortando o número de pobres pela metade: chegou a 31,7 milhões de brasileiros miseráveis. Em 1995, outro estudo realizado por esse mesmo instituto concluiu que os miseráveis eram na verdade 16,6 milhões (12% da população brasileira, com dados tabulados de 1990). E assim os índices foram sendo cortados de metade em metade, num verdadeiro prodígio estatístico.

- *O que nos transmitem os resultados dessa pesquisa? Como vai a família brasileira? O que mais chama a nossa atenção nessa pesquisa?*
- *Pela ordem de importância, a nosso ver: quais as principais causas dos problemas que oprimem e fazem sofrer as famílias, hoje, nas diversas classes sociais?*
- *O que nos cabe fazer para combater as causas desses problemas e criar condições para que as famílias possam mesmo ser famílias, espaço de humanização?*



Mendigos do Primeiro Mundo.

Em reportagem curiosa da TV inglesa sobre os mendigos que moram nas ruas de Londres, três ou quatro deles, embrulhados em cobertores de madrugada, foram entrevistados. Diziam que é bom viver e dormir na rua. A única charreatação é ser acordado três vezes cada noite por grupos que lhes trazem sopas e sanduíches que não pediram...

Páre e pense: por quê você insiste em fumar?

Dos brasileiros indigentes, apurou a pesquisa de 1995, 43% viviam no campo e 55% residiam no Nordeste, um terço desse total morando nas áreas rurais. Também segundo a pesquisa, a pobreza teria diminuído e a miséria aumentado no Brasil da década de 80 para cá: em 1981, os pobres constituíam 34% da população brasileira e os miseráveis, 14%, índices que mudaram, em 1995, para 12% e 16,6% respectivamente.

Os números podem ter ficado mais precisos ou aquém da realidade, mas assim mesmo não deixam de ser preocupantes e alertam para as distorções de um modelo econômico que não está conseguindo resolver o problema do desemprego e da falta de condições mínimas para a própria existência da família, que é a base da sociedade.



Central do Brasil, o filme

Equipe de redação

Entre pessoas finas e inteligentes das nossas preclaras classes médias, temos ouvido elogios ao filme acompanhados de lamentos pelas imagens que Walter Salles colocou no mundo.

Não sabemos se mesmo o Presidente também elogia e lamenta. Porque ao lado da demonstração de competência do produtor e diretor, da qualidade da produção e do genial e esperado desempenho da Fernanda Montenegro, nossa musa unânime que reacende a auto-estima nacional, a história e o roteiro nos levam a passear por um Brasil que a nossa gente bem alimentada não

acredita que exista. Um país que não combina nem se encaixa nas expressões otimistas e bem-humoradas com que o Presidente anuncia a nossa gloriosa inserção no mundo dos ricos.

O que pensaria o Stanley Fischer, do FMI, se tentasse impingir-lhe esses cenários de filme como se fossem reais? E se lhe provasse que esse Brasil é mesmo real e do real? E que uma assinatura dele em Washington pode matar muitos desses personagens do filme? Esta última pergunta foi feita por Márcio Moreira Alves, no O Globo.

Por não crerem na sua existê-

Ajudas de milhões a insignificantes bancos quebrados para evitar uma crise geral no sistema financeiro nacional... dá para acreditar?

cia, parece um desperdício de verbas alimentar famintos e tirar da rua meninos sem esperança. Levar água a populações sedentas da seca ou ajeitar estradas para que trabalhadores não fiquem presos em atoleiros onde chove, não são prioridades. Afinal devem ser casos isolados que o prefeito local pode resolver.

Por isso, a soridente frieza com que se cortam verbas de programas sociais para garantir o famoso ajuste fiscal prometido ao Fundo.

No princípio, juras de que não haveria cortes. Depois juras de que não houve cortes. Logo o anúncio em rede nacional de que os cortes *que nunca existiram* seriam revertidos. "Viram?" – dizia o Presidente. E anuncjava o retorno das verbas subtraídas. Mas, se prestaram atenção: as verbas restabelecidas o foram somente para os quatro programas anunciados com cativantes sorrisos. Programas esses que, mesmo com orçamentos recompostos, estão muito longe de atender às necessidades da população. Dos outros programas, nada foi dito. É o tipo de mentira carinhosamente apelidada de "meia-verdade". Uma afirmação

verdadeira que oculta, pelo silêncio discreto, a mentira nela embutida.

Ora, o que vemos, para só falar de um único programa social, são os sistemas de saúde desmantelados. Bebês morrem em maternidades superlotadas, não há vagas em UTIs, hospitais universitários estão em situação catastrófica e outros fecham, por não saberem como administrar atendimentos médicos a R\$ 2,55 por consulta e R\$ 1,50 por sessão de fisioterapia, segundo o Deputado Henrique Fontana, ex-secretário de Saúde de Porto Alegre.

Enquanto isso, a CPI dos Bancos, no Senado, começa a sua garimpagem indiscreta. Bancos desconhecidos e insignificantes recebem favores milionários "para evitar abalos no sistema bancário", cuja fragilidade é portanto confessadamente total. A quebra de um desconhecido banco sem agências seria capaz de ameaçar a pujante estrutura do setor financeiro do país, justificando que a ele se desse o que se suprime dos programas sociais.

A lógica é perfeita: famintos e bebês que morrem em terra de seca ou berçários superlotados não afetam atualmente, no paraíso neoliberal, a estabilidade de nenhum sistema social, político ou econômico. Bastam os pésames dos amigos que sobreviveram.

Aliás, registre-se: o banqueiro em questão levou os nossos e vossos milhões, saiu do país, deixou seus correntistas ingênuos a ver navios e o banco acabou mesmo fechando. O hábil banqueiro só retornou ao nosso generoso país depois de arrumar

a vida lá fora e proteger o seu modesto patrimônio para uma velhice feliz.

Se continuar a vasculhar esse recanto da nossa casa comum, essa CPI vai nos fazer corar de vexame e indignação, tantos serão os ratos e baratas fugindo antes da caçada que pode acontecer.

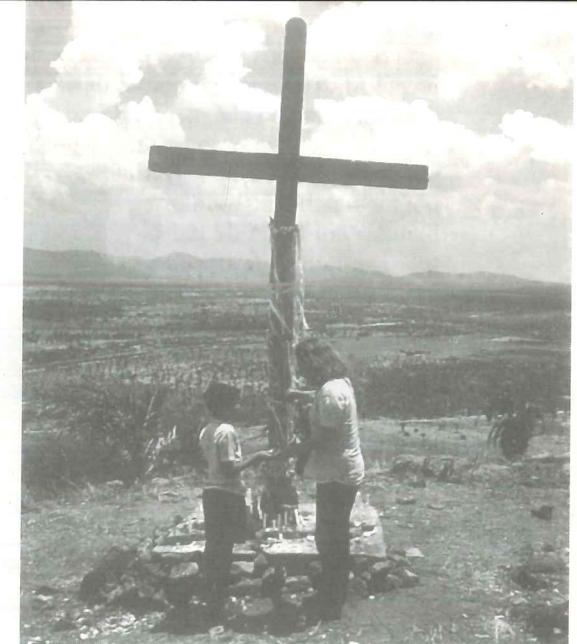
Virando a página, vemos ressuscitar outra vergonha nacional: deverá ser reaberto o caso do Rio-Centro, aquele atentado estúpido do DOI-CODI da ditadura militar. Para quem esqueceu: uma bomba devia explodir no auditório para estabelecer o pânico entre as 10 mil pessoas ali reunidas para protestar contra a brutalidade do sistema, o que causaria um massacre incalculável. Por falha técnica, explodiu dentro do carro, no colo do oficial que a conduzia, matando o sargento que esta-

va ao volante e ferindo gravemente o portador da coisa.

Constou que o sobrevivente, mutilado, foi grosseiramente repreendido pelo seu superior e mandante do crime, por sua incompetência. Tudo evidente e apurado. Mas juizes e promotores foram constrangidos a concluir que os dois rapazes foram vítimas de um atentado, e pronto. Arquive-se!

Agora, os mesmos personagens retornam à cena nacional para reafirmar a verdade sufocada e o caso pode ser reaberto. Desarquive-se! Vamos ver o que passará.

Talvez o Walter Salles resolva fazer um novo filme cru e comovente sobre o episódio e o cenário nacional em que ele aconteceu. Será outra obra-prima mas... e a nossa imagem lá fora? – vão repetir os queixosos de sempre.



Uma análise serena e inteligente desse fenômeno religioso inesperado de multidões que cantam, erguem os braços e oram com surpreendente entusiasmo e ampla cobertura da mídia.

Os desafios do Padre Marcelo Rossi

Luiz Alberto Gómez de Souza
Sociólogo

Não é simples fazer uma reflexão, sem preconceitos nem viseiras, sobre o “fenômeno” Marcelo Rossi. Podemos escorregar rapidamente para um certo grau de emocionalidade, na apologia ou na crítica. Muitas observações a respeito dele, significativamente, privilegiam os aspectos do poder e da influência eclesiástica e não do serviço à evangelização ou do carisma comunicativo.

Uns se entusiasmam pelo crescimento do prestígio da Igreja, que pareceria recuperar espaços perdidos para diversas experiências religiosas, especialmente as dos pentecostais. Outros se põem na defensiva, em nome dos poderes constituídos de igrejas locais e de seus mecanismos habituais de pastoral, temerosos da irrupção invasora de novos movimentos e de estilos de ação diferentes.

Não posso deixar de recordar, com certa ironia, o dinamismo da Ação Católica de juventude faz algumas décadas, quando éramos impedidos de trabalhar em certas dioceses, assustando com nossa impetuosidade, autoconfiança juvenil e propostas inéditas...

Diante de novidades como a do Pe. Marcelo, em lugar de afirmações apressadas, deveríamos ser capazes de fazer perguntas simples e de questionar positivamente. Uma indagação básica poderia ser mais ou menos a seguinte: até que ponto sua ação favorece o crescimento de uma Fé adulta, fortalece a Caridade e tem realmente força evangelizadora? Para começar, podemos rapidamente perceber como Pe. Marcelo tem levado milhares de pessoas a interessar-se pela religião. Um chofer de táxi aqui, uma feirante, uma universitária, um enfermeiro acolá,



Jovens de vários meios sociais vibram com as músicas do Pe. Marcelo e sua aeróbica do Senhor. Seria simplista afirmar que tudo isto é simples modismo fugaz ou imitação de pastores de novas seitas.

tantas pessoas que encontramos no cotidiano e que redescobriram as coisas de Deus a partir de suas celebrações. Jovens de vários meios sociais vibram com as músicas da aeróbica do Senhor. É simplista e provavelmente injusto dizer que não passa de mais uma moda fugaz, ou que não se distingue de pregadores proselitistas de outras religiões.

Tenho constatado, além disso, que muitos dos que declaram não gostar dele, mal o observaram, ou já o fizeram com um pé atrás, predispostos negativamente de antemão.

Tratei de ouvir e de ver o mais possível, através de suas aparições na televisão, algumas em cenários insólitos, fazendo o esforço

Há, nas suas celebrações, um clima vibrante de alegria e de prazer, que contagia pessoas de todas as idades, tão diferente de cerimônias opacas e cansativas, de sermões insossos ou de estilos rigoristas que afugentam fiéis e simpatizantes da religião.

para manter aberta a criticidade - que sozinha pode ser ácida e dissolvente - mas ao mesmo tempo desenvolvendo uma certa empatia, capaz de fazer-me acolhedor ao diferente. Trata-se de uma experiência espiritual que não comproto e que escapa inclusive à minha sensibilidade habitual.

Resumindo com o risco de simplificar, Pe. Marcelo me transmite a autenticidade pura e um pouco ingênuo de um garotão com um discurso relativamente simples e ralo, mas irradiando muito fervor e piedade - noções infelizmente em desuso em certos meios secularizados.

Além disso há, nas suas celebrações, um clima vibrante de alegria e de prazer, que contagia pessoas de todas as idades, tão diferente de cerimônias opacas e cansativas, de sermões insossos ou de estilos rigoristas que afugentam fiéis e possíveis simpatizantes da religião.

Por outro lado, não posso deixar de perguntar se o cristianismo percebido pelo público que procura Pe. Marcelo, não é demasiado fácil de ser aceito, uma espécie de tranquilizante espiritual para aplacar ansiedades. A densidade cristã do seguimento de Jesus vai mais além, à luz da Mensagem de uma Fé questionadora e de uma Caridade exigente.

Interessar multidões para a iniciação na experiência religiosa já é uma ação da maior importância, como um momento propedêutico e motivador, mas ela não pode contentar-se com um nível superficial, onde poderá dissolver-se rapidamente logo adiante. Já vimos tantos movimentos despertar entusiasmos espasmódicos, provocar aparentes conversões passageiras, sem conseguir criar espaços eclesiais para o crescimento exigente da Fé. Certas ações de massa podem ficar apenas no primeiro instante do deslumbramento. Mas, claro está, isso não depende só delas, nem podemos responsabilizá-las isoladamente.

Abrindo caminho, elas teriam que ter continuidade e articular-se, na vida eclesial, com comunidades capazes de desenvolver uma pedagogia da acolhida e do acompanhamento, recebendo e ajudando os recém-chegados a crescer na Fé e na Caridade.

Pe. Marcelo, até certo ponto, faz-me pensar em Paulo Coelho. Os livros deste decepcionam leitores exigentes, pela superficialidade no tratamento de situações ou pela artificialidade dos diálogos. Entretanto, vendem-se adoidados. A não ser que nos fechemos numa visão

elitista e bem-pensante, temos de perguntar pelas causas do enorme êxito e, inclusive, questionar nossos próprios juízos. E descobrimos logo como os temas que trata, às vezes meio à ligeira, são certeiros e relevantes, tocando pontos muito profundos da sensibilidade contemporânea.

E salvo engano, observando olho no olho, Paulo parece transmitir sinceridade, à diferença de alguns líderes religiosos que freqüentam a mídia, mais interessados em vender sua mercadoria. Marcelo também passa uma sensação de veracidade e de fortes convicções. Como o escritor, sua mensagem é fácil de ser entendida pelo cidadão comum, massacrado em seu cotidiano, procurando conforto, sem tempo nem predisposição para indagações complexas. O contrário de certas reflexões difíceis e sofisticadas, dirigidas a pequenos grupos isolados de iniciados.

É verdade que o sucesso nem sempre é um parâmetro lá muito confiável. Vimos, por anos, a banalização mediocrizante e falsa da Xuxa, com seus altos índices de audiência. Quando pensávamos que tínhamos chegado aos limites do aturável com a estupidez do Ratinho, eis que a Tiazinha nos joga ainda mais em baixo, ao nível da vulgaridade grosseira, do erotismo barato e do patológico. Numa galeria de grandes sucessos, além das duplas sertanejas de alta vendagem, Pe. Marcelo poderia estar em companhias bem pouco edificantes. Porém, disso não pode ser responsabilizado.

Por outro lado, o cristianismo percebido nas celebrações e músicas do padre Marcelo, parece ser demasiado fácil de ser aceito, uma espécie de tranquilizante espiritual para aplacar ansiedades: mas o seguimento de Jesus vai muito mais além, à luz de uma Fé questionadora e de uma Caridade exigente.

Não creio que seja uma invenção da mídia - esta corre sempre atrás dos êxitos para utilizá-los. Como a produtora de seu CD vai maximizar a venda desse produto, dentro de sua lógica mercantil. Mas o Pe. Marcelo tem luz própria e não fica prisioneiro desses limites, ainda que possa faltar-lhe uma certa malícia, necessária para desvencilhar-se de solicitações duvidosas ou comprometedoras.

Os carismas são inesperados e surpreendem. Assustam aos que vivem nas rotinas e nas tradições esclerosadas. Mas também podem perturbar setores renovados que se acomodaram na repetição de seus achados, avançados ontem, correndo o risco de tornarem-se neoconservadores logo adiante. A fórmula feita e os hábitos enrijecidos não se

Os carismas são sempre inesperados e portanto surpreendem. Assustam aos que vivem nas rotinas e nas tradições esclerosadas.

adequam bem aos carismas emergentes.

É verdade que ao lado dos carismas autênticos, há sempre lugar para contrafações e caricaturas. Distinguir nem sempre é fácil. Mas sentindo o clima religioso atual e a enorme fome de sagrado, podemos dizer que há algo novo pairando no ar. Parafraseando Peter Berger, sem

- *Como avaliamos a liturgia das nossas celebrações religiosas, especialmente a da Eucaristia, nas missas em nossas paróquias? São atraentes para nós? Para nossos filhos?*
- *As liturgias deixam claro para todos o sentido profundo do que se celebra? O sentido da comunhão e partilha, mistério central da Eucaristia, é bem compreendido pelos que participam das missas dominicais? O exigente compromisso de cada cristão com a comunhão e a partilha é bem entendido e recordado a cada semana?*
- *Quais os aspectos que mais atraem as multidões no novo estilo das celebrações que agora vão surgindo? O que essas inovações podem trazer para o estilo tradicional de celebrações a que estamos habituados?*

Não espere! Renove antecipadamente a sua assinatura

fato
e razão

Assinatura Ouro: 6 números - 15 reais.

Assinatura Prata: 4 números - 10 reais.

Envie seu cheque com o seu nome e confirme o seu endereço.
Livraria MFC: Rua Espírito Santo, 1059 / 1109, 30160-922 Belo Horizonte - MG

renunciar à razão, abramos bem o coração, os olhos e os ouvidos, para sentir o "rumor dos anjos" em nossa volta.

Aliás, a canção dos anjos, tão em voga, é bem envolvente. Na primeira vez que a ouvi, deixei-me embalar e meus braços subiram e desceram, na onda contagiosa do público, não sabendo se os anjos subiam de nossos desejos, frustrações, medos e esperanças, ou desciam lá do alto, como um sopro de chamado, de incentivo, de apoio e de paz. Ou ambas as coisas.

Luiz Alberto Gómez de Souza é sociólogo, professor universitário, assessor de movimentos sociais e pastorais, atualmente Diretor Executivo do Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS). Extraído do Boletim REDE, editado pela Rede de Cristãos das Classes Médias.

Com olho de peixe

Rubem Alves
Escritor, Psicanalista

Acredito no Rio Amazonas desde que eu era menino. Meu pai foi quem primeiro me falou dele. Disse que sua largura era tamanha que o lado de lá não se via. Eu, acostumado a pescar lambaris em ribeirões e riachinhos, ouvia ele dizer que o rio maior que tinha visto, o Grande, perto do Amazonas não passava de um mijinho de menino. No grupo decorei e recitei feito poesia os nomes dos afluentes dele, Juruá, Tefé, Purus, Madeira, Tapajós, Xingu. Aprendi também sobre a pororoca, briga que o rio perde sempre, porque o mar é maior do que ele. assim é a vida: o mar tem sempre a última palavra... Mas o que me fascinava mais, mesmo, era a notícia de uma planta de folha tão grande que nela se podia deitar uma criança. Tudo era assombroso.

Acreditei sem nunca ter visto, só de ouvir dizer. Acreditei tanto que cheguei mesmo a viajar para lá para ver o rio. E vi com estes olhos, e quando o quero rever releio o poema do Heládio Brito:

Eu vim de ver o rio o frouxo ir das águas, pesadas delas mesmas, grossas das lonjuras vindas no irem sendo rio, Líquido boi cansado carregado de peixes, trabalha o rio para os homens da margem, que ao suado lombo lhe fustigam com seus anzóis e redes...

Cheguei mesmo a navegar nas suas águas, se atravessar de balsa é navegar. Não, não é não. Quem navega com a cabeça fora d'água nada sabe. É preciso mergulhar, penetrar fundo nas águas. Mas, para isso, seria preciso que fôssemos como os peixes. O Guimarães Rosa amava tanto os rios que desejava, numa outra encarnação, nascer crocodilo. Nós, humanos, só conhecemos os rios na superfície. Os crocodilos os conhecem nas funduras. Nas funduras os rios são escuros e

tranquíilos como os sofrimentos dos homens. Essa eu não sabia, que os sofrimentos são escuros e tranquilos...

Aí ele diz uma coisa inusitada, que o rio é palavra mágica para conjugar eternidade. Eu havia aprendido o contrário, que rio é palavra para conjugar tempo. Pelo menos foi assim que ouvi de Heráclito, o filósofo: tudo flui, na permanece, tudo é rio...

Mas lendo as Escrituras Sagradas percebi que certo estava o João: a eternidade mora no fundo das águas, no fundo do tempo. Quando Deus quis fazer artes mágicas com Jonas, jogou-o no mar, onde um peixe o aguardava de boca aberta, e por três dias ficou na fundura das águas, como feto na barriga da mãe, até que se transformasse em profeta, o que não é muito diferente das metamorfoses que fazem poeta – portanto confirmado pela Cecília Meirelles e pelo T.S. Eliot que afirma que, para fazer poesia é preciso ter olhos de peixe. Não é por acaso, portanto, que o ritual mágico para transformação do velho em crianças, a que se dá o nome de batismo, siga a metáfora do afogamento e do nascimento: o adulto é mergulhado, de corpo inteiro, nas águas de um rio: o velho que mergulha morre; a criatura que sai das águas é menino.

Não é por acaso, portanto, que o peixe seja, a um tempo, símbolo poético e símbolo profético: é que ele

nada nas funduras do tempo, onde a eternidade gera os seus milagres.

Na superfície do rio é tempo que flui, sem parar. Assim estava escrito nos carrilhões antigos, aqueles relojões enormes de pêndulo sem pressa: *tempus fugit*: o tempo passa: a vida vai se perdendo nas águas do nunca mais. Resta então a saudade sem remédio, caso tenha havido amor e alegria. A festança ao fim do tempo só se justifica se amor não houve, nem alegria. A perda da coisa amada não pode ser festejada. Só pode ser lamentada.

Mas pensando no que dizem os poetas e profetas, eu me descubro transformando o choro em riso, os que semeliam com lágrimas com alegria ceifarão, pois Deus é o rio mostrando as suas entradas, no fundo, na eternidade, as águas correm ao contrário, disso sabem os peixes, que nadam contra a correnteza, a alma também na superfície a gente nasce nenezinho, *tempus fugit* e a gente fica adulto, *tempus fugit* e a gente fica velho, *tempus fugit* e a gente morre. Nas funduras, onde mora a eternidade, é ao contrário. Primeiro é a velhice. Aí, *tempus fugit*, a gente vira menino.

Deus começa sempre pelo fim. Nas Escrituras Sagradas o dia começa com a tarde e termina com a manhã. Está escrito no poema da Criação. "E foi a tarde e a manhã do primeiro dia... " O sol se põe, mais



um dia inicia. O fim é o lugar do começo.

Ao recitar as estações do ano a gente automaticamente, diz: primavera, verão, outono, inverno. Mas lento D. Miguel de Unamuno percebi que isso não está certo. O tempo é uma roda. Se nas Escrituras o dia começa a tarde, no ano as estações podem muito bem iniciar com o inverno. Inverno, primavera, verão, outono... O inverno é a infância do ano. No seu silêncio profundo a primavera está em gestação. No silêncio do fim moram os começos. No silêncio da velhice mora a infância.

Tem gente que acredita em Deus com firmeza, do jeito mesmo como eu acreditava no rio Amazonas, por ouvir dizer, chegando a discorrer com

autoridade, invocando teologia e dogma, feito o meu pai, que ensinava sem nunca Ter ido ou visto. Não mergulhia, por medo de se afogar. Agora eu acredito em Deus como crocodilo ou peixe, para me desafogar... Eu preciso dele para o tempo andar ao contrário. E é assim que eu o imagino, como um pescador que vai lançando nas águas do tempo as redes da eternidade, para pescar tudo aquilo que foi amado e que se perdeu. Para nos devolver. E o "eterno retorno". É a "ressurreição dos mortos". É a primavera nascendo do inverno. É a criança nascendo do velho.

Isso eu desejo ser cada dia, criança nascida do velho, ser mais criança do que fui.

Extraído de "Tempo e Presença", editado por Koinonia.

Todos precisamos compreender que amar não significa abafar, castrar, interromper, mas permitir que alguém se expanda na direção que lhe aprouver.

O piano de cada um

Sueli Carneiro
Jornal Popular

O ato falho revelou o que predominava em seu cotidiano: diante da palavra *janelas* Mara leu *panelas*. Excelente dona-de-casa, vivia às voltas com fogão, ferro, vassoura. Não que menosprezasse essas atividades, mas se ela pudesse continuar indo ao templo religioso que freqüentava quando solteira...

Assim também acontecia com Felipe. Casado há algum tempo, amava a família. Sua felicidade só não era completa porque tivera de desistir de seus maiores entretenimentos: a pelada nas manhãs de Domingo.

Por que alguém, ao iniciar um relacionamento afetivo, vê-se privado de antigas alegrias que, longe de interferirem negativamente na união, a tornariam verdadeira, liberta de receio e recalque?

Certa vez, assistindo a um filme, fora tocado por uma frase mais ou menos assim:

"Se amas muito uma pessoa deves deixá-la livre para fazer o que deseja. Se voltar para a tua companhia estará a teu lado para sempre;

se te abandonar é sinal de que nunca te quis."

Na história da pianista Chiquinha Gonzaga, levada ao ar pela TV, está presente esse tipo de situação. Obrigada a se casar com quem não amava, passou por atritos que poderiam ter sido amenizados através da música, sua grande paixão. Jacinto, seu marido, caso tivesse se desvencilhado dos preconceitos e do desejo de domínio, talvez conseguisse assentar aquela união em bases de simpatia e amizade. Ciumento, porém, retirou-lhe o recurso natural que a aliviava de tensões e frustrações e desencadeou a separação, deixando claro que buscava mais o poder, do que o amor...

Cada um de nós também possui a sua própria pauta de interesses – o bate-papo com os amigos, o bilhar, as reuniões políticas – desempenhando papel diferente do outro.

Todos precisamos compreender que amar não significa abafar, castrar, interromper, mas permitir que alguém se expanda na direção que lhe aprouver. É aqui onde se



citar Erich Fromm, quando observa: *"O princípio do amor infantil é: amo porque necessito de ti; o princípio do amor amadurecido é outro: sou amado porque amo."*

Com qual nos identificamos?

- Como respondemos à pergunta final da autora?
- Que exemplos podemos dar de atitudes e comportamentos que revelam formas de amor infantil e imaturo entre pessoas adultas?
- Que exemplos podemos dar de expressões de amor adulto e maduro?
- Quais as práticas, gestos, comportamentos e atitudes que contribuem para o amadurecimento do amor?
- Como esses conceitos de amor adulto e amor infantil são entendidos pelos jovens?

RESPONDA DEPRESSA: QUAL É O LEITOR MAIS INTELIGENTE NESSA TURMA AÍ EMBAIXO?



LEIA E ASSINE FATO E RAZÃO, A SUA REVISTA

Favorecer o ódio não leva a nada a não ser ao ódio. A violência é o pior dos arbítrios. Só o respeito mútuo edifica uma sociedade.

(*Dalai Lama*)

A mística das religiões e a paz

Marcelo Barros

Monge beneditino, escritor

A guerra recrudesce na Europa e os conflitos na África continuam responsáveis por milhões de mortes. Já no Brasil, a violência nossa de cada dia mata mais do que muitos bombardeios aéreos. No entanto, a palavra de Deus, nas diversas religiões e espiritualidades, confirma que a nossa natureza mais profunda é pacífica. Consiste em ser para o outro e não ser contra o outro.

As igrejas cristãs lembram que Jesus Ressuscitado deixa-se ver vivo por seus discípulos e lhes traz como presente a paz, a alegria e a reconciliação com Deus, com a humanidade e com o universo (Cf. Jo 20, 19- 23). A paz é o primeiro anúncio da Resurreição.

Toda vez que o Cristo Ressuscitado aparece aos seus, saúda-os dizendo: "Paz para vocês".

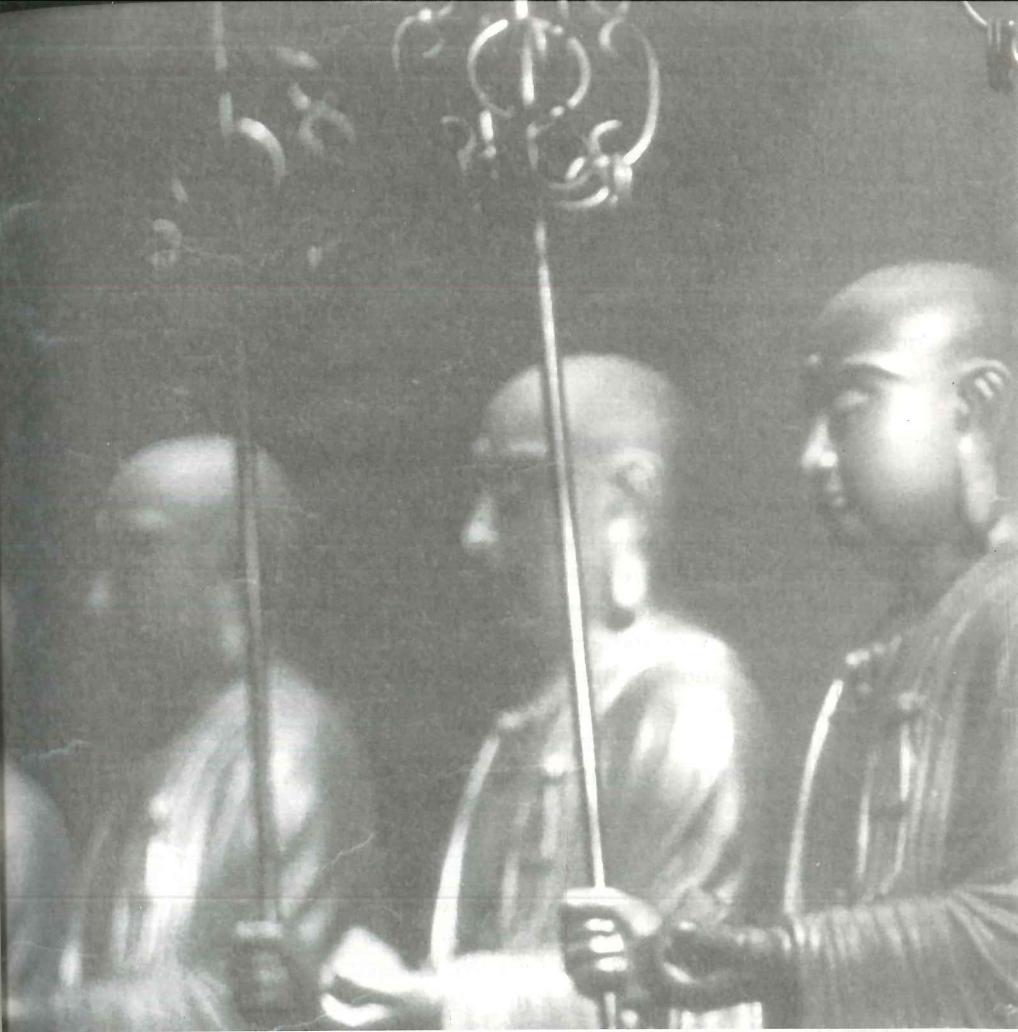
Infelizmente, nem o cristianismo nem as outras religiões – e isso não nos consola nem desculpa –

foram fiéis e perseverantes na proclamação da paz.

Pelo contrário, quase todas as épocas da história foram atravessadas por violências, intolerâncias e conflitos, muitas vezes, paradoxalmente, em nome do mesmo Deus que a revelação cristã identifica com o Amor e, por isso, com a Paz. Por outro lado, em todas as épocas, nas diversas religiões, profetas e pessoas santas deram a vida em favor da paz.

No cristianismo, os primeiros pastores pregavam como São João Crisóstomo no século IV: "Você sabe que se a abelha picar alguém com o seu ferrão, morre? Através deste animal, Deus nos ensina a não prejudicar o próximo. Se o fizermos, seremos também nós, como a abelha, os primeiros a receber a morte".

Quando o conflito na Iugoslávia estava no início, já então violento e trágico, crentes de várias religiões,



Deus tem iluminado as mentes dos homens e mulheres para que cresça o respeito e a colaboração mútuas entre as religiões comprometidas com a paz e a humanização: o ecumenismo avança como movimento irreversível.

coordenados pelo Centro Interconfessional pela Paz (CIPAX) ocupavam a Praça de São Lourenço in Lucina, em Roma, para orar e dialogar com os interessados, em vista de um "apelo pela paz em Kosovo".

Nos dias em que isso acontecia, o Brasil teve a graça de receber pela segunda vez a visita do Dalai

Lama, líder religioso máximo do Tibet no exílio. Este profeta, Prêmio Nobel da Paz em 1989, assim se expressa: "O século XX desenvolveu muitos métodos para fazer da violência a regra das relações humanas. Tivemos duas guerras mundiais que destruíram cidades inteiras e sofremos o holocausto. No mundo inteiro

ro, espalhou-se a tortura como forma de repressão e o terrorismo como forma de ação. Todos esses métodos faliram e falirão sempre, porque são superficiais. Chocam com o mais profundo da nossa natureza, feito de bondade e compaixão. (...) Favorecer o ódio não leva a nada a não ser ao ódio. A violência é o pior dos arbitrios. Só o respeito mútuo edifica uma sociedade".

Podemos resumir os textos bíblicos sobre a forma de agradar a Deus, com uma palavra que não está literalmente em nenhum livro bíblico, mas reflete o que Deus disse aos profetas: "Aceito as expressões religiosas que as pessoas quiserem oferecer, mas o que mais me agrada é que, no mundo inteiro, quem me ama seja testemunha e construtor de uma verdadeira paz, baseada na justiça e no respeito à dignidade de todo ser humano e do universo que criei".

- Por quê ocorrem tantas guerras, violência e agressões no mundo e também tão perto de nós? O que alimenta a inclinação de muitos para a violência e o ódio?
- O que podemos fazer para criar uma verdadeira cultura da paz?
- Como podemos contribuir efetivamente, na nossa cidade, para a colaboração crescente entre as religiões nas tarefas comuns de humanização e luta pela paz?



Instale na sua cidade um
PONTO DE VENDA
de

fato
e razão

Por isso, mantemo-nos unidos na esperança da Paz e cantamos junto com o monge budista Thich Nhat Hanh, muitas vezes candidato ao prêmio Nobel:

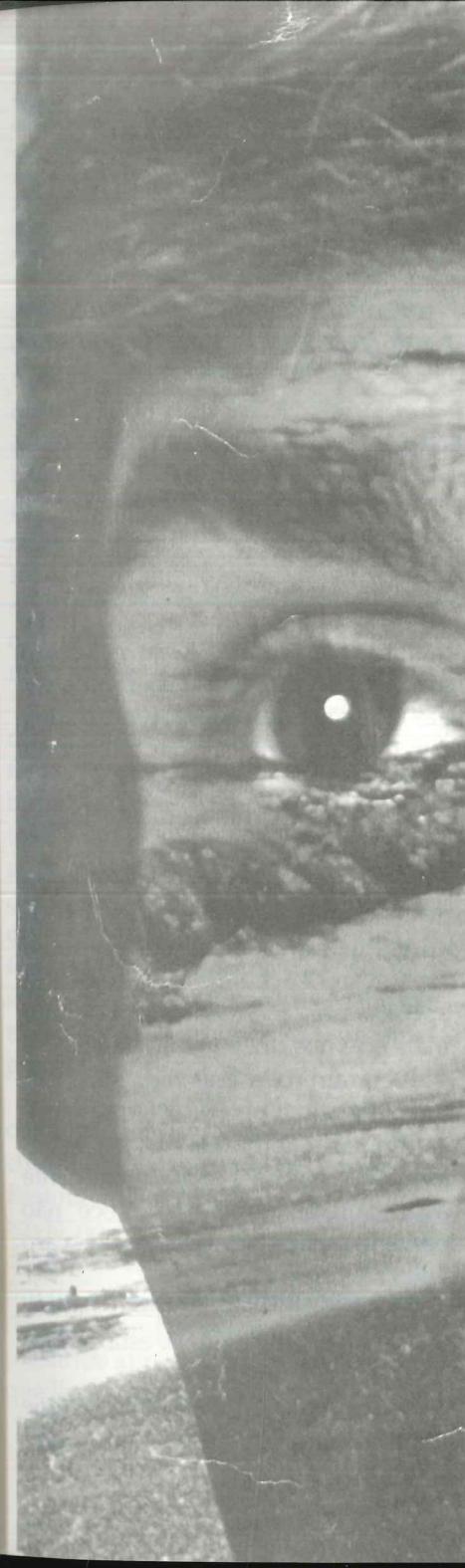
"Quando o dia começa e o sol nasce, prometa que, hoje, mesmo se uma montanha de ódio e violência cair sobre você, prometa-me, irmão, que lembrará que nenhum ser humano é nosso inimigo.

(...) Pelo ódio nunca se poderá enfrentar a fera que está no coração humano.

(...) Mesmo sozinho, irei de cabeça baixa, sabendo que o amor é imortal.

E no caminho longo, difícil, o sol e a lua esplenderão, iluminando os meus passos".

Marcelo Barros, monge beneditino e escritor, tem 23 livros publicados. Os últimos são "A Noite do Maracá" (Editora da UCG - Rede) e "Conversando com Mateus" (Cebi, Paulus, Rede). Correspondência para o autor: Fax: 062-372 11 35.



Poema

Beatriz Reis

**Sempre procurei tua face
e agora que me apareces
envolto na névoa da manhã,
tenho medo e fujo.**

**Agora que escuto tua voz
chamando-me na cantiga do vento
procuro canções ociosas
e não atendo a teu convite.**

**Sei que a ceia está preparada
e o leito de amor nos espera.
Olho desconfiada, e me pergunto:
quem és tu para assim me amares?
Quem és tu para poder responder-te?**

Crise econômica "justifica" cortes nos programas sociais do governo e dá lucros fantásticos para os bancos: os estrangeiros lideram a festa...

Os bancos agradecem, os pobres se lascam

Helio Amorim

O presidente fica *brabo* quando o acusam de neoliberal. Tem razão em sua indignação. É uma ofensa grave. Indica que o acusado é insensível ao sofrimento do povo e coloca a economia acima da pessoa. Só não dá é para desmentir quem o acusa. Sendo professor experiente, de verbo fácil, tentará demonstrar com o brilhantismo habitual que segue sendo um social-democrata. Mas o empenho com que procura seduzir e proteger de qualquer risco os especuladores internacionais, enquanto se submete ao desmantelamento das políticas sociais, com os violentos cortes de verbas para os seus programas, desmente o discurso do intelectual.

O modelo econômico obsessivamente preservado de qualquer tentativa de mudança, conforme receita imposta pelo FMI, segue transferindo riqueza da nação, portanto do povo e dos programas sociais dos governos, para bancos e investidores espertos, sem nenhum

mecanismo que penalize o assalto a mão armada que acontece a cada minuto, dia e noite. As armas mais usadas, no caso, são a manipulação das cotações da moeda e de títulos das dívidas públicas nas bolsas de valores, com base geralmente em informações criminosamente vazadas.

O que aconteceu em janeiro deste ano é exemplar: 181 bancos apresentaram naquele mês um lucro espantoso: 3,3 bilhões de reais! Em apenas um mês, lucraram muito mais que nos doze meses de 1998. E se lucraram toda essa fantástica fortuna, alguém a perdeu. Não se fabrica dinheiro. Se há ganhos espetaculares de uns, há perdas igualmente espetaculares de outros. Você não percebeu nada no seu bolso, caro leitor? Pense bem.

Vejamos como e quais bancos ganharam mais; e quem está pagando a conta.

Verifica-se que os bancos que mais ganharam naquele assalto, que

Na calor da crise financeira chegaram a propor que Brasil e Argentina adotassem o dólar como moeda nacional...



o sistema classifica apenas de habilidade e visão empresarial das instituições financeiras... foram, pela ordem, os bancos estrangeiros: Chase Manhattan, Morgan Trust, Citibank, BBA e J. P. Morgan. O primeiro, por exemplo, havia lucrado 71 milhões em 1998 e só em janeiro lucrou 310 milhões. O segundo passou do modesto lucro de 33 milhões nos doze meses de 1998 para 276 milhões nos trinta dias de janeiro.

O que fizeram esses iluminados gestores do dinheiro dos seus felizes acionistas? Consultaram suas bolas de cristal, algumas delas talvez instaladas em salas secretas do FMI, e adivinharam que a intervenção dessa intrigante entidade salvadora de economias em crise provocaria a liberação do cambio. Então, desde o início do mês começaram a comprar e estocar dólares, uns 200 milhões por dia.

Na véspera parece que as compras, por divina inspiração, chegaram a mais de 400 milhões. Bastou então esperar. Sabiam que havia no mercado financeiro muitos contratos em dólares vencendo no fim do mês e que haveria uma corrida para compra de divisas por empresários aflitos, obrigados a pagar o que lhes fosse imposto.

O câmbio não disparou: foi disparado pelos que acumularam a moeda e dela dispunham para atender à demanda. É claro que o valor real do dólar não pode ser a que está sendo negociada. É pura manipulação do mercado, muito bem orquestrada, com grandes interesses envolvidos, gerando aqueles lucros indecentes.

O fato está aí, divulgado sem muito alarde, embora escandaloso. Simplesmente apostando na liberação do câmbio, sem produzir nada de útil para o país, os afortunados acionistas desses bancos estão rindo dos lesados, que nem percebem o assalto que sofreram. Porque os que, em janeiro perderam com essa jogada que o sistema aceita, já estão repassando seus prejuízos para os preços dos seus produtos e serviços. A sua parcela do prejuízo global, você já está pagando desde fevereiro no supermercado, sofrido leitor.

Ora, o presidente social-democrata aderiu a este modelo econômico que considera lícitas operações que produzem lucros estratosféricos por simples jogos financeiros, tendo por contra-partida os cortes devastadores em programas sociais e uma brutal recessão que aumentará o desemprego no país.

Simplesmente apostando na liberação do câmbio, sem produzir nada de útil para o país, os afortunados acionistas desses bancos estão rindo dos lesados, que nem percebem o assalto que sofreram.

Trata-se, então, de alguma redefinição ou "aggiornamento" do que antes se chamava socialdemocracia. Sendo professor, poderia explicar-nos essa mutação didaticamente, em respeito à nossa reconhecida ignorância.

Após essa reciclagem dos parcos conhecimentos do nosso povo, todos saberiam que não devem acusar o presidente de neoliberal. Passaria a ser então uma ofensa injusta e imperdoável. Mas enquanto isso, o povo continuará irritando-o com a

sua ignorância econômica. Porque o que se vê são os cortes amplos nos programas sociais.

Alguns cortes chegam a ser ridículos, como a redução de 98 para 48 milhões nas verbas para as cestas básicas com que são socorridas as populações flageladas pelos três anos de secas no Nordeste. Uma "economia" de fato ridícula para o Tesouro Nacional, equivalente à sexta parte do lucro de janeiro do Chase Manhattan no Brasil. Como serão administrados esses cortes? Metade das famílias deixarão de receber a ajuda? Ou cada família só receberá meia cesta básica, supostamente para comer 15 dias por mês? Ou já está chovendo no Nordeste e as colheitas são abundantes por lá e não sabíamos?

Esperemos notícias sobre a meteorologia ou... explicações. Se não for incômodo para o ofendido e brabo presidente.

Texto também publicado do Boletim REDE, da Rede de Cristãos das Classes Médias.

Queremos mais 5000 leitores

Cada família uma assinatura

Como?
Cada família do MFC está convocada para esta campanha nacional: o compromisso de vender cada ano uma assinatura de **fato e razão** para famílias que não pertencem ao Movimento: filhos, parentes, amigos, vizinhos, colegas de escola ou trabalho... apenas uma assinatura cada ano.

O que temos que consertar neste planeta não é pouco...

- número de pessoas que vivem abaixo da linha de pobreza no mundo aumentou em 105 milhões de 1988 para cá.
- A esperança de vida é de menos de 40 anos para 507 milhões de pessoas.
- Se os países industrializados não puserem em prática formas de vida que demandem menos recursos e utilizem tecnologias menos poluidoras, ficará impossível uma economia mundial sustentável, mesmo que a população se estabilize em 8 ou 12 bilhões de pessoas.
- 1,2 bilhões de pessoas não tem acesso à água potável tratada.
- A riqueza das 7 pessoas mais ricas do mundo seria suficiente para, com folga, permitir o acesso aos serviços sociais básicos a todos os habitantes do Planeta.
- Para erradicar a pobreza do mundo todo só são necessários investimentos de 1% da renda mundial.
- Há 100 milhões de minas terrestres espalhadas em 68 países.
- Mais de 840 milhões de adultos são analfabetos, sendo 538 milhões mulheres.
- O Sul do Planeta consome 8 vezes menos energia que o Norte.
- Mais de 800 milhões de pessoas não têm o suficiente para comer.
- Há provas claras de que está aumentando a diferença de renda entre os que tem educação e os que recebem educação insuficiente.
- As mulheres ganham $\frac{3}{4}$ do que ganham os homens, enquanto assumem uma parte desproporcionalmente grande das responsabilidades domésticas e da criação dos filhos. Têm menor acesso à propriedade da terra, ao crédito e ao emprego.
- As 2.6 milhões de pessoas que a cada ano engrossam a população dos EUA, exercem uma pressão maior sobre os recursos do planeta que os 17 milhões que constituem o crescimento demográfico anual da Índia.

(Extraído de *Notícias de Espanha*, junho/1998).

... mas aqui embaixo há alguém interessado em descobrir caminhos.



Menos crianças e mais idosos, é o perfil que vem se delineando no nosso país. Essa nova situação encontra uma sociedade despreparada e sem estruturas para acolhê-los.

Em busca do homem total

Munir Cury
Família e Vida, 1999

A Organização das Nações Unidas (ONU), declarou 1999 como o Ano Internacional do Idoso: uma oportunidade para redescobrir e resgatar os valores da Terceira Idade.

O crescente envelhecimento da população é um dos aspectos mais surpreendentes em todo o mundo. Na última contagem populacional, realizada em 1996 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foram registrados 12,4 milhões de idosos no Brasil. Em 2025, as projeções indicam que eles serão cerca de 33 milhões. Com isso o Brasil ocupará o 6º lugar na classificação mundial de população idosa, atrás da China, Índia, Comunidade dos Estados Independentes (ex-União Soviética), Estados Unidos e Japão.

Menos crianças e mais idosos, é o perfil que vem se delineando no nosso país. Essa nova situação encontra uma sociedade despreparada e sem estruturas para acolhê-los.

De fato, a discriminação e a marginalização do idoso é um dos mais graves problemas da atualidade, acentuado, sobretudo, devido ao modelo de sociedade de consumo que adotamos, que difunde uma cultura de morte, de abalo de instituições indispensáveis à realização do homem.

Mas a questão fundamental da sociedade moderna é cultural devido ao voluntário abandono dos verdadeiros valores que edificam o homem e, por via de consequência, se irradiam e constróem uma coletividade sadia, harmoniosa, justa e equilibrada. O problema do idoso é apenas um aspecto dessa grande vertente da cultura contemporânea que pulveriza os conceitos que constituem a base da vida social.

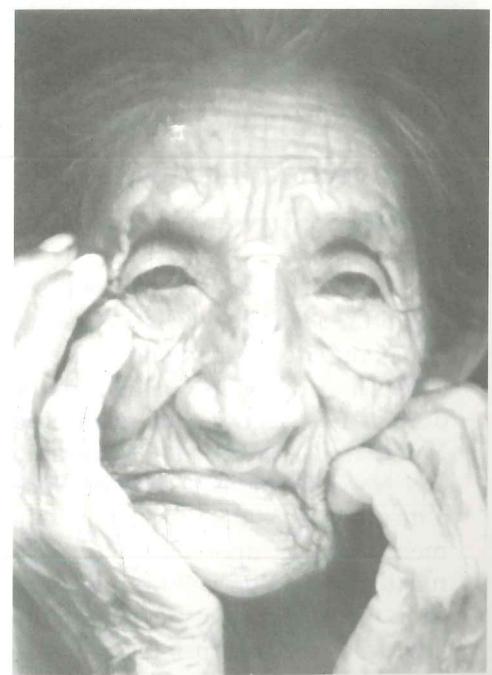
Outras culturas, as orientais por exemplo, marcadas pela tradição e por sólidas conquistas históricas, não só respeitam o idoso, como têm nele uma fonte de sabedoria e um exemplo de prudência e sensatez,

indispensáveis ao equilíbrio da vida e da sociedade humana.

Na verdade, o homem moderno está desorientado em relação à busca da própria realização e da sua felicidade, envolvido numa verdadeira guerra de competição, onde o melhor raramente é o que se preocupa com o bem comum ou com a qualidade de vida do seu semelhante.

O idoso não produz como antes, não consegue exprimir as suas ideias e, portanto, é tratado como um problema para a sociedade. É a mesma atitude que se observa, por exemplo, em relação à criança, ao deficiente e ao negro, parcelas da população discriminadas, inclusive na distribuição de verbas públicas. Também a mulher, que a duras penas vem conseguindo ao longo dos últimos anos o desejado respeito e emancipação, ainda sofre distinções em relação ao homem, como ocorre em questões salariais e oportunidades de acesso ao mercado de trabalho.

Se a dificuldade que a sociedade enfrenta para acolher o idoso tem uma base cultural, no sentido de que decorre da perda de valores fundamentais do homem moderno, a sua solução nascerá de uma mudança de mentalidade. É necessário que cada homem ou mulher, independentemente de sua idade ou condição social, seja visto na sua integridade, na sua dignidade humana, como sujeito da história e como o motivo de ser da própria sociedade.



É necessário que cada homem ou mulher, independentemente de sua idade ou condição social, seja visto na sua integridade, na sua dignidade humana, como sujeito da história e como o motivo de ser da própria sociedade.

Nas relações interpessoais, o idoso deve ser visto como um semelhante cujo mundo secreto precisa ser descoberto. Essa descoberta exige tempo, predisposição e capacidade de escuta, além de paciência e muito amor.

O envelhecimento e seus matizes

O início da velhice pode ser definido segundo vários critérios. Do ponto de vista demográfico, a pessoa é considerada velha a partir dos 60 anos, segundo a Organização Mundial da Saúde, a Organização das Nações Unidas e o IBGE. Socijalmente, é considerado velho o homem que se aposenta. Biologicamente, o início da velhice é identificado pelo climatério (conjunto de alterações físicas e psíquicas que se observam no final do período reprodutor da mulher, ou quando dimi-

nui progressivamente a atividade sexual normal do homem).

Do ponto de vista psicológico, a velhice é caracterizada por períodos de instabilidade do humor, momentos prolongados ou não de depressão, abatimento ou derrota diante da própria história, falta de perspectiva diante do futuro, sentimento de inutilidade ou frustração no convívio social.

Mas o processo de envelhecimento pode ser antecipado por inúmeras razões que pressionam e fragilizam o homem moderno, atingindo a sua vida física e psíquica.

Albert Schweitzer (1875-1965), médico de origem alemã, filósofo, músico e organista, detentor do prêmio Nobel da Paz de 1952, tendo abandonado tudo para fixar-se como missionário na África, legou às gerações uma lição: "A tragédia do homem é o que morre dentro dele enquanto ele ainda está vivo".

Pesquisa realizada por Anita Libraesco Neri, integrante do Núcleo de Estudos Avançados em Psicologia do Envelhecimento da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, publicada na revista Gerontologia, indica que "mantendo-se vivo e engajado, o indivíduo retarda o seu envelhecimento, ou nem envelhece, considerando-se que a velhice pode ser considerada um estado de espírito".

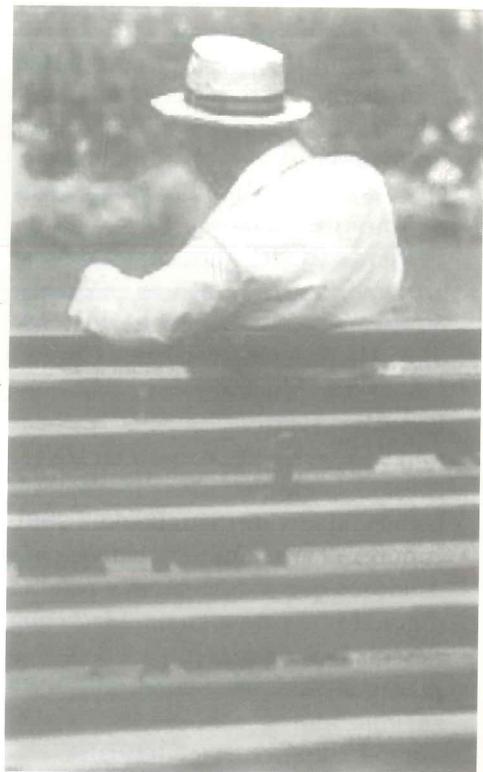
O psicólogo José Carlos Ferrigno, em seu artigo Grupos de Reflexão sobre o Envelhecimento: uma Proposta de Reconstrução da Autonomia de Homens e Mulheres da Terceira Idade (revista Gerontolo-

gia), ao analisar os malefícios do isolamento social e da solidão das pessoas, conclui que "para os idosos o problema é acentuado por fenômenos como viuvez, aposentadoria, emancipação dos filhos etc, em um contexto de forte desvalorização pessoal, para os mais velhos".

Inserção na vida social

Desde o surgimento do primeiro núcleo de idosos em 1963 até o momento, assiste-se uma significativa proliferação de Clubes da Terceira Idade e Escolas Abertas para Idosos, cujos objetivos gerais são a socialização, a atualização de conhecimento e o desenvolvimento de novas e antigas habilidades, além do resgate da própria dignidade. Trata-se de significativas formas de superação da solidão, da depressão, das perdas que os anos muitas vezes impõem, da preocupação exagerada com doenças ou de conflitos familiares.

A UNITI (Universidade Integrada da Terceira Idade), do Estado do Maranhão, propõe-se a oferecer à população idosa a prática de atividades que possibilitem fortalecer a sua participação social e política, assumir conscientemente o processo de envelhecimento e gozar do pleno exercício da cidadania. Iniciativas como essas visam também a convivência das diferentes gerações, criando condições para o resgate da autoconfiança e auto-estima e oferecendo atividades para a ocupação do tempo disponível dos idosos.



Envelhecer é fortalecer conceitos e valores e colocá-los a serviço do próximo. É abrir novos horizontes e neles penetrar com a alma para que o corpo se revitalize. É ver e enxergar, ouvir e executar, acariciar e transmitir vida, oferecer o calor e maravilhar-se com a transformação

Em dois semestres os idosos participam de um rico programa com disciplinas básicas e optativas. O currículo é composto das seguintes matérias: Vida e Espiritualidade, Noções de Gerontologia Social, Concentração e Memória, Psicologia da Terceira Idade, Educação Física, Turismo, Artes Plásticas, Cinema, Fitoterapia (tratamento com remédios de origem vegetal), Criação Literária, Musicalização, Cultura Popular e Teatro.

Experiências como a da UNITI já estão sendo realizadas também na Universidade de São Paulo (USP), com resultados muito positivos para os idosos que redescobrem a própria dignidade e para a comunidade que descobre a riqueza de valores e o protagonismo social do idoso.

Permanecer jovem

Envelhecer – etapa de maturidade e crescimento – pressupõe inegavelmente acelerar a conquista do homem global. É o momento em que, marcados pela liberdade e doação gratuitas, a aventura da vida é ainda mais uma torrente de amor ao próximo, de paixão pelo pobre e marginalizado, de companhia ao solitário, esperança ao derrotado, família ao órfão; a mão que se estende e se une para a construção de um mundo mais unido e fraterno.

Envelhecer é fortalecer conceitos e valores e colocá-los a serviço do próximo. É abrir novos horizontes e neles penetrar com a alma para que o corpo se revitalize. É ver e enxergar, ouvir e executar, acariciar

Permanecer jovem, apesar do envelhecimento físico, pressupõe que o homem imprima na sua vida o desejado crescimento interior aliado ao respeito e estima pelo próprio corpo.

e transmitir vida, oferecer o calor e maravilhar-se com a transformação.

Mas é preciso envelhecer permanecendo jovem.

Não permanecer jovem é perder o sentido brilhante e construtivo da vida. É sentir o peso dos anos como uma carga insuperável, massacrante e opressiva. É olhar a vida como um vale de lágrimas, mas deixar de viver intensamente nesse vale, saboreando o frescor do vento e o perfume das flores espalhadas entre os espinhos. É caminhar na escuridão, preferir a escuridão, fechar-se na escuridão. Não permanecer jovem é esquivar-se do sol, da luz, da sabedoria. É fechar as portas da mente a qualquer sinal de vida, de criatividade ou de transformação. É deixar de acreditar no natural e interminável crescimento humano. É estar vivo e não participar da vida que, a todo momento e insistente, nos convida à grande e divina aventura de celebrar a criação.

Permanecer jovem, apesar do envelhecimento físico, pressupõe que o homem imprima na sua vida o desejado crescimento interior aliado ao respeito e estima pelo próprio corpo.

Permanecer jovem é encantarse diante do mar e deliciar-se com as suas cores e sons. É perder-se no infinito e encontrar-se na areia branca sob os seus pés. É bendizer a ga-rota fina, a chuva ou a trovoada; o sol e alua; as estrelas e a imensidão da galáxia. É saber sorrir quando se tem vontade de chorar; é acolher a dor como a mais íntima companheira. É saber dizer não com o mesmo afeto com que se diz sim. Não ser velho é abraçar o pobre, o miserável, o inimigo, como o mais fiel e querido irmão. É desprender-se de tudo e de todos para voar nas asas de uma gaivota, em busca da liberdade.

Envelhecer permanecendo jovem é poder discernir entre o bem e o mal, e ao bem se entregar como único tesouro da vida. É sentir a

- *Como a sociedade e nós mesmos tratamos as pessoas idosas?*
- *Que oportunidades se oferecem aos idosos para se manterem úteis aos outros?*
- *Existem casas para abrigo de idosos na cidade? Como funcionam? É costume famílias levarem seus parentes idosos para esses asilos? Como se sentem os que são internados?*
- *O que consideramos melhor para os idosos? O que esperamos para a nossa própria velhice?*



“Não compreendemos nada de nada. Tanto mistério existe no crescimento de um grão de trigo quanto no movimento das estrelas. Mas bem sabemos que somos os únicos capazes de amar, e é por isso que o menor dos homens é maior que todos os mundos reunidos” (Guy de Larigaudie).

pulsão da vida, e, não se satisfazendo, indignado, procurar a essência desse mistério. É descobrir flores no pântano e espinhos nos verdes campos e com ambos celebrar o Dom do amor.

Os homens precisam descobrir o brilho e o encantamento de cada momento da existência, e isto somente acontecerá quando a alma estiver transbordando de amor.

Dançam ao ritmo da vida a inocência e a curiosidade da criança; o espírito vivaz, crítico e contestador do jovem; o dinamismo e a criatividade do adulto.

Amarelecidas pelo tempo, as folhas secas do gigantesco carvalho, que tanta sombra oferecera, cujos galhos protegeram o repouso das aves do campo, agora são sopradas pelo vento e vêm generosamente adubar a terra, prosseguindo a natureza o seu concerto de amor. O seu permanente e infindável concerto de amor!

A fixação do valor do salário mínimo e das taxas de juros agridem frontalmente a Constituição Brasileira e ninguém recorre à Justiça: talvez por não confiar nela...

Salário-mínimo aumentou 20 centavos. Viva!

Equipe de Redação

Todos os dias o trabalhador de salário mínimo vai ganhar mais esses centavos que, "não é nada, não é nada... não é nada...", como dizia o Ziraldo, diante de piadas de mal gosto parecidas com esta, no passado. Calcula-se que com esse fantástico aumento, o salário família também aumentará, em média, de R\$ 1,10 para R\$ 1,17 por filho, para que ele continue ganhando uma vez por mês aquele picolé que já aumentou de preço.

Até o ano passado, nosso bondoso presidente anunciaava ter cumprido a sua palavra de levar o salário mínimo a miseráveis 100 dólares, ou seja menos de um milionésimo do rombo do Juiz Nicolau no TRT de São Paulo. Quem sabia que o câmbio era uma mentira nunca chegou a acreditar. Mas agora está desocultado o truque. Passada a tempestade especulativa que enriqueceu os bancos da noite para o dia, já se vê que o valor real do dólar era aquele que

adivinhávamos: um pouco mais de R\$ 1,60. Refazendo as contas, por baixo, o salário-mínimo nunca passou dos atuais 85 dólares, o que "não é nada, não é nada..." é uma afronta à Constituição Brasileira. Duvidamos que um ministro, com a Constituição em baixo do braço, vá ao supermercado com um salário mínimo no bolso, já descontadas algumas despesas indispensáveis para a sobrevivência biológica da família do trabalhador, e compre o que a lei maior determina.

Por outro lado o salário mínimo é mesmo uma ficção praticamente inútil. Não passa de um índice financeiro para a atualização das aposentadorias e pensões. É por isso que o governo acenou com a ameaça de quebra da Previdência se o aumento do salário mínimo passasse desses valiosos 20 centavos.

A ficção se confirma com as estatísticas oficiais freqüentes: são registradas as diversas faixas de

salários começando pelos trabalhadores que ganham entre meio e um salário mínimo. Como se pode aceitar e registrar em mapas oficiais a quantidade de brasileiros que ganha menos de um salário mínimo sem a correspondente notícia da prisão de quem despreza o que a lei fixa como mínimo?

Nos grandes centros, como o salário mínimo não dá mesmo para o trabalhador sobreviver, ele parte para a informalidade: vende bugigangas nas esquinas com resultado melhor, e fica à margem da Previdência, para a qual não contribui. Mais tarde descobrirá que não poderá se aposentar porque agora é o tempo de contribuição que conta.

Portanto, o empregador que quer ter empregados que sobrevivam e possam vender ainda que nada mais que sua força física, pagam bem mais que o salário mínimo. Não tanto por sensibilidade social mas com o mesmo pragmatismo com que abastece o seu carro, que sem combustível não anda.

Nesses tempos de CPIs, em que cada dia se revelam mais golpes e rombos bilionários indecentes, seria interessante indicar entre parênteses, a cada valor de falcatura, o equivalente em salários mínimos, que revelasse quantos anos 1.000 ou 100.000 trabalhadores devem trabalhar para ganhar o que nos foi roubado. Porque é difícil imaginar o que são os 130 milhões de reais dos desvios do TRT-SP. São números que o mortal comum não consegue avaliar.

"Uma idéia é verdadeira até que alguém a imponha". (Ionesco)

Anunciaríamos então que o famoso Juiz embolsou os 35 anos do salário (exigidos para a aposentadoria) de 27 mil trabalhadores de salário mínimo. Assim dá para entender o tamanho do assalto e a injustiça indecente do valor do salário.

Já os Bancos e os espertos especuladores, com seus lucros fantásticos e as ajudas generosas a até então desconhecidos banquinhos capazes de levar a pique a economia brasileira se quebrassem (!) – e quebraram... – os montantes acumulados nesses poucos meses de crise econômica são de tal maneira estratosféricos que nem traduzidos em salários mínimos conseguimos avaliá-los.

Sintetizados em quadros didáticos pelo Deputado Mercadante na CPI, acabamos ainda mais desnorteados. Nossos discos rígidos cerebrais não foram programados para tantos megabytes. Restou-nos a alegria de acreditar ainda mais neste país que sobreviveu a um megaassalto desse tamanho e continua respirando, ainda que com a ajuda de aparelhos.

Esperamos que não apareça um seguidor desse enfermeiro do Hospital do Rio de Janeiro, que "com pena dos doentes que sofriam nos seus plantões", desligava os aparelhos para uma morte tranquila dos seus pacientes mais graves. Como o FMI não inspira confiança maior que este enfermeiro caridoso, fiquemos atentos...

REDE.

Será que a Igreja Católica ainda tem alguma coisa a dizer para nós que continuamos duvidando que o mercado globalizado seja o máximo a que poderia almejar a história humana?

Sem trabalho... por quê?

Pedro Ribeiro de Oliveira
Sociólogo

O drama do desemprego (ou melhor dizendo, a supressão de postos de trabalho, independentemente de serem ou não assalariados), dá a impressão de estarmos diante de um problema insolúvel: o que poderíamos fazer, se a economia mundial agora inexoravelmente globalizada tem por base um sistema onde o trabalho humano tende a ser substituído por máquinas informatizadas?

Diante desse "realismo" esmagante que corta todo entusiasmo pela vida, hoje mais do que nunca é necessário abrir horizontes que nos permitam enxergar longe e pensar grande. Mas o desmoronamento das teorias sócio-políticas modernas nos deixa no escuro: só sabemos que nenhuma delas inspira segurança. O próprio pensamento neoliberal hoje dominante abdica ao esforço teórico e contenta-se em apontar o mercado como a solução prática de qualquer problema. Ele seria como um holofote cujo brilho ofusca os outros

pensamentos e os relega à condição de velhas e inúteis lamparinas.

Na falta de uma interpretação plausível, os grandes dramas com os quais hoje nos defrontamos (geralmente apresentados pela mídia de forma pasteurizada como a desgraça de cada dia que assistimos no noticiário do jantar) ou bem nos empurram à atitude cínica de quem diz "é triste, mas antes eles do que eu" ou bem despertam a raiva legítima contra as injustiças feitas a pessoas indefesas. A percepção de que o fim da *guerra fria* deixou o mundo sob a "lei do mais forte" desperta em quem quer a paz o sonho por uma profunda transformação. Mais do que uma revolução social e política em cada país, buscamos uma transformação planetária que reconcilie a humanidade consigo mesma e com a natureza. Queremos um sistema mundial onde nossos filhos e filhas, netos e netas (em quantidade moderada, é claro) possam viver sem medo de se tornarem *massa sobrante*

condenada à exclusão do mercado global.

E aí? Será que a Igreja Católica ainda tem alguma coisa a dizer para nós que continuamos duvidando que o mercado globalizado seja o máximo a que poderia almejar a história humana? Será que ela nos ajuda a desejar neste mundo algo mais do que uma gorda conta bancária? Será que a Igreja Católica nos faz descortinar um horizonte que nos permita ver longe e grande?

Pois tem sido justamente este o objetivo da Campanha da Fraternidade deste ano e, numa perspectiva mais ampla, de toda a preparação ao terceiro milênio: propor o que Paulo VI chamou *Civilização do Amor*, expressão retomada e revigorada por João Paulo II: Sua idéia-chave é a superação do sistema de Mercado e sua cultura de competição por uma cultura da solidariedade, da sobriedade e da subsidiariedade. Em lugar da luta de todos contra todos e cujo grande herói é o

Será que a Igreja Católica nos faz descortinar um horizonte que nos permita ver longe e grande?

competidor que supera todos os obstáculos (como o navegador Amor Klink que sozinho "venceu" os oceanos e hoje faz palestras a empresários que também querem "vencer" na vida), o Papa propõe a "globalização da solidariedade".

São palavras bonitas, mas será que ainda dá para se falar de *Civilização do Amor* sem cair num idealismo piegas que nunca convenceu ninguém? Não seria ela mais um desses sonhos tão bonitos quanto impossíveis, como vida eterna, ressurreição da carne e amor aos inimigos?

Para o "realismo" dominante, uma *Civilização do Amor* com sua



O relato bíblico da criação mostra um Deus trabalhando prazerosamente e descansando feliz no sétimo dia.

cultura de solidariedade é utopia sem sentido ou volta a um passado jurássico, não devendo ser levada a sério quando se fala de problemas econômicos graves como os que o mundo vive atualmente. Por isso convido quem agora me lê a desobedecer os grandes mestres da atualidade, ficar fora de moda e cometer uma transgressão ao pensamento bem-comportado. Ainda que seja por alguns minutos e como exercício mental, vamos contrariar o pensamento único e levar a sério a hipótese de ser a *Civilização do Amor* um projeto realizável.

Retomamos então um velho sonho da Humanidade, sonho que para a Tradição Judaico-Cristã tem suas raízes na própria Teologia da Criação: Deus nos fez para viver felizes num paraíso terrestre, em paz com nossos semelhantes e com a natureza. Aliás, o relato bíblico da criação mostra um Deus trabalhando prazerosamente e descansando feliz no sétimo dia. Organiza o universo, embeleza-o com o homem e depois capricha ao criar a mulher, torna-o habitável e o entrega a nossos pais para serem seus jardineiros. Ao romper com o projeto original e

substituí-lo por um projeto fajuto - um mundo regido pela lei do mais forte, do mais esperto, do mais competitivo- nossos antepassados fizeram esse mundo que aí está. E está ruim! Felizmente, não se apagou inteiramente da memória coletiva o projeto original, que restou como um sonho, uma esperança a realizar-se quando nos dispusermos a recuperá-lo. Para isso é preciso renunciar à cultura da competição, da satisfação ilimitada dos desejos, do poder, e construir uma cultura da solidariedade, da sobriedade e da subsídiariedade. Num sistema sócio-econômico não mais regido pela busca do lucro e sim pelo respeito ao outro ser humano e pela ecologia, o trabalho não seria mais uma atividade socialmente opressiva que destrói a natureza para satisfazer o desejo de consumo. Na *Civilização do Amor* o trabalho só poderia ser uma atividade de realização pessoal e de re-integração da Humanidade com a Terra.

Vejamos, a partir dessa ótica, a parábola dos trabalhadores da primeira e da última hora que no final do dia recebem o mesmo salário (Mt 20,1-7). Este Evangelho tem sido usado para explicar a misericórdia de Deus, ensinando que devemos ir além da Justiça retributiva e atender às necessidades de quem trabalha, independentemente de sua produção. Contudo, nenhuma pessoa sensata pensaria em tomá-la como modelo a ser implementado, porque se assim fosse ninguém aceitaria trabalhar mais do que uma hora por dia. Seu postulado (oculto,

não-explicitado) é que o trabalho é uma atividade penosa e desagradável que só fazemos na medida em que precisamos do dinheiro, este, sim, capaz de propiciar as boas coisas da vida.

Cabe aqui a pergunta insensata aos olhos do mercado: será mesmo assim? O trabalho não poderia ser tão prazeroso para o adulto quanto é a brincadeira ou o jogo para a criança? Onde fica o trabalho sem opressão, o trabalho como realização pessoal, o trabalho como serviço a pessoas a quem queremos bem? É só pensar o quanto é gostoso preparar um jantar para a pessoa amada, uma festa para os filhos, a casa para receber um hóspede querido... Trabalhos assim todo mundo faz e não é por salário. Porque o salário é certamente a retribuição honrosa e merecida pelo trabalho realizado, mas não sua única recompensa.

Essa visão humanista e ecológica do trabalho abre outra chave de interpretação da mesma parábola: o Senhor manda pagar a todos o mesmo salário para compensar quem não pôde trabalhar e ficou à-toa quase o dia inteiro. Ele sabe que não é nada bom para uma pessoa adulta, que pode e quer trabalhar, ficar à-toa. Ficar à-toa não é gozar momentos de lazer. É como os jogadores de futebol deixados no banco de reserva. Embora cheios de vontade de jogar, devem se conformar com o banco porque só eventualmente entram no decorrer da partida. Apesar disso, eles não são menos campeões do que quem suou a ca-

Na Civilização do Amor o mercado não terá por finalidade gerar lucro mas a criação de mais e melhores postos de trabalho para que todos os homens e mulheres neles se realizem como pessoas.

misa em campo e merecem prêmio igual. Não seria esta a verdadeira concepção de trabalho presente na parábola? Para o Senhor o trabalho é atividade prazerosa de realização pessoal, à qual todo ser humano tem direito. Mesmo aquelas pessoas que, por alguma circunstância ficaram impedidas de trabalhar, têm direito ao mesmo salário de quem trabalhou. Não é misericórdia nem caridade, mas sua justa compensação.

Pronto. Bastou sugerir essa visão diferente e já abrimos um novo horizonte para pensar uma sociedade onde não faltam postos de trabalho.

É só seguir a pista indicada pela idéia de que o trabalho não é apenas fonte de valor dos bens econômicos, mas também e principalmente uma atividade indispensável à realização humana e portanto um direito que transcende as leis do mercado. Em outras palavras, numa *Civilização do Amor* o mercado não terá por finalidade gerar lucro mas a criação de mais e melhores postos de

A Civilização do Amor não somente é possível, como é muito mais racional do que o sistema de mercado com seu ímpeto competitivo e predatório.

trabalho para que todos os homens e mulheres neles se realizem como pessoas.

Será possível isso? Certamente não na lógica interna do mercado (lógica bem estranha, que ao constatar o efeito estufa provocado pela queima de combustíveis fósseis, já faz os automóveis saírem de fábrica com ar-condicionado... gastando mais gasolina). Mas na lógica de quem busca a felicidade na sociabilidade amigável e pacífica, na festa que não requer luxo para ser gostosa, no convívio respeitoso com a natureza, a *Civilização do Amor* não somente é possível, como é muito mais racional do que o sistema de mercado com seu ímpeto competitivo e predatório.

Mais do que uma questão de lógica, trata-se de uma questão ética. A *Civilização do Amor* supõe uma Ética da Humanidade que subordina e relativiza a pequena ética do mercado. Ao invés dos seus três mandamentos hoje absolutizados, (respeitar a propriedade privada, cumprir os contratos e não praticar concorrência desleal) volta-se ao sentido

original da palavra *ethos*: arrumação da casa para criar um ambiente favorável à vida humana. Ou seja, um mundo onde possam viver dignamente 6, 7, ou até 10 bilhões de seres humanos. Sem o luxo que o mercado hoje oferece ao terço privilegiado da humanidade, é claro, mas um mundo pacífico, bonito, gostoso e onde o tempo seja mais dedicado à festa do que ao sempre penoso labor de cada dia.

Sua realização requer a *Globalização da Solidariedade*, movimento similar ao da globalização do mercado porém em sentido inverso porque implica o cancelamento das dívidas impagáveis. Sem entrar nas suas questões práticas (quanto da dívida contábil já foi efetivamente pago? quanto da dívida é justa? a quanto os ricos devem renunciar em favor da paz mundial?) quero apenas apontar que não há caminho para a reconciliação da Humanidade consigo mesma que não passe pelo perdão das dívidas. Perdão que pode ser postergado, sim, mas ao preço da barbárie, ou seja o predomínio de relações regidas pela lei do mais forte e não pelas normas civilizadas do Direito e da Justiça. Será que vamos esperar esgarçar-se inteiramente o tecido social para só então a enorme custo restaurá-lo? Por que não começar sua restauração enquanto é tempo?

Mas, o que fazer concretamente? O texto-base da CNBB “*Sem trabalho... por quê?*” propõe muitos gestos de solidariedade, seja a nível de pequenos grupos (há experiências de projetos que criam postos de trabalho

com parcos investimentos) seja a nível societário na priorização de políticas sociais e medidas de controle sobre transações financeiras, dívida externa e até mesmo a submissão do sigilo bancário a critérios do bem-comum. O texto apresenta um verdadeiro cardápio de sugestões, contemplando conservadores, moderados e radicais, para que ninguém fique de braços cruzados. De minha parte, penso na necessidade de um grande movimento social em favor da criação de novos postos de trabalho no campo (Reforma Agrária já) e na cidade (resgate da Dívida Social ainda que os banqueiros reclamem, mas paguem). Todos temos o direito ao trabalho. Por isso, quem busca a *Civilização do Amor* não pode aceitar medidas que diminuem postos de trabalho, como as embutidas no acordo do atual governo com o FMI. Há que se movimentar em defesa do Brasil. Como? Cada um e

- ❖ *O que estamos fazendo para que as reflexões e propostas geradas pela Campanha da Fraternidade deste ano não caiam no vazio da acomodação e da preguiça?*
- ❖ *Quais as saídas possíveis, na nossa cidade e no país para que o fantasma do desemprego ou do medo de perder o emprego sejam afastados de vez?*



Tempus fugit, carpe diem. Um sábio contava aos seus discípulos: “Um homem perdido na floresta deparou-se com um leão. Desesperado começou a fugir. Chegou à beira de um precipício, não podia voltar. Jogou-se no abismo, mas conseguiu agarrar-se a um arbusto que crescia numa fenda do rochedo. Entre a fera acima e o precipício abaixo, o homem mirou a parede de pedra diante de seus olhos e viu uma fruta vermelha. Colheu-a e comeu. Era saborosa e ele se alegrou.” Assim terminava o conto. Mas um dos discípulos quis saber: “O que aconteceu com o homem? Ele caiu?” O sábio lhe disse. “Ele, eu e tu sabemos que vamos cair. Mas há algo saboroso ao nosso alcance neste momento. O tempo foge. Desfruta o dia que estás vivendo.”

A Civilização do Amor supõe uma Ética da Humanidade que subordina a pequena ética do mercado.

cada uma verá. Não podemos ficar parados, choramingando e reclamando dos outros. Gestos concretos, sim, mas não só gestos miúdos. A *Civilização do Amor* é possível, sim, mas exige de nós muito esforço.

Precisamos desbloquear nosso pensamento desvinculando-o do pensamento neoliberal, mas o Terceiro Milênio pede de nós mais do que uma revolução no pensamento, pede projetos viáveis e o comprometimento pessoal na sua realização.

Pedro A. Ribeiro de Oliveira é Sociólogo e Professor na Universidade Católica de Brasília

*Drogas: um debate mal resolvido.
Veja a opinião de especialistas e
discuta este assunto com seus
amigos e parentes.*

Descriminar é a solução?

Roberta Paduan Álvares
"Família & Vida", 1999

Apesar de muitas vezes negado pela sociedade, o uso e abuso de drogas vêm destacando-se como um dos grandes problemas da saúde pública no Brasil. Só no ano passado, o Ministério da Saúde gastou 101 milhões de reais com a recuperação e tratamento de dependentes de drogas. Dados do Departamento de Saúde Mental mostram que dobrou o número de internações desses pacientes no Sistema Único de Saúde (SUS) entre os anos de 1993 e 1997, passando de 5.429 para 11.084.

Outra constatação preocupante são os resultados da pesquisa feita pelo Cebrid (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas) com 15 mil estudantes de 1º e 2º graus em dez capitais brasileiras, que mostram que 24,7%, ou quase um quarto desses estudantes, já usaram algum tipo de droga, excluindo-se álcool e tabaco.

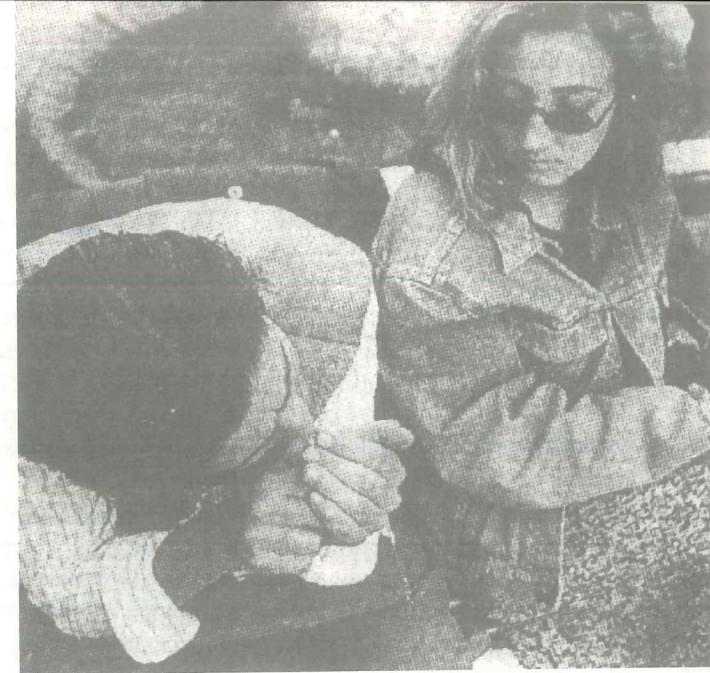
No Senado, um projeto de lei que poderá substituir a atual lei de drogas no país aguarda votação após ter sido elaborado por uma comissão especial e aprovado na

Câmara dos Deputados, em dezembro de 1996. A grande novidade proposta pelo projeto é a descriminação do porte e uso de drogas ilícitas pelo usuário. Isto é, a pessoa classificada como usuário quer for pega portando ou utilizando esse tipo de droga não será mais presa, como estabelece a lei vigente, embora o tráfico continue sendo ilícito.

Aí cabe lembrar a diferença entre descriminação e legalização. A primeira absolveria de crime o usuário, enquanto a Segunda tornaria lícito, como é o caso do álcool, o uso de drogas entorpecentes mediante diferentes graus de restrição de uso.

De acordo com o projeto, o indivíduo seria penalizado com pagamento de multa e medidas educativas que podem ser advertência, prestação de serviço à comunidade, suspensão de seis meses, no mínimo, de licenças para porte de arma e de habilitação para conduzir veículos, além da inserção e tratamento em regime ambulatorial ou em estabelecimento hospitalar adequado, caso necessário.

Jovens se drogam em público em países que adotaram uma legislação mais aberta que, de um lado acaba com o tráfico, de outro pode estar induzindo ao uso da droga: as dúvidas sobre a melhor solução do problema ainda persistem.



Opinião

O deputado federal Fernando Gabeira (PV) diz que o projeto de lei não reflete exatamente sua posição, mas o considera um avanço. Segundo o deputado, além de eliminar a pena de prisão para usuários e permitir a distribuição de seringas para dependentes de drogas injetáveis, o projeto amplia os mecanismos de combate ao tráfico. "Se aprovada, a nova lei permitirá que a polícia se infiltre em quadrilhas e a quebra do sigilo bancário de pessoas envolvidas em organizações de tráfico", explica o parlamentar.

Para Gabeira, a atual legislação é abominável. "Ela foi elaborada num contexto de ditadura militar, sem nenhuma compreensão global do pro-

blema", argumenta, declarando que defende, inclusive, a legalização por acreditar que assim a violência em torno do tráfico diminuiria.

Contrário

Totalmente contra a descriminação e a legalização das drogas, o promotor de justiça Fernando Capez argumenta que não se combate um mal apenas legalizando sua existência. "Sou contra qualquer tipo de facilitação às drogas."

Na opinião do promotor, a descriminação poderia levar a um estímulo ainda maior de consumo já que elimina um importante caráter inibitório. "Se o consumo deixa de constituir crime, no futuro, o tráfico tem grandes chances de deixar de ser tam-

"Se aprovada, a nova lei permitirá que a polícia se infiltre em quadrilhas e a quebra do sigilo bancário de pessoas envolvidas em organizações de tráfico".

(Dep. Fernando Gabeira)

bém. É contraditório dizer que não é crime comprar mas é crime vender", contesta.

De acordo com o promotor, a discussão em torno de uma nova lei de drogas é desnecessária. "O problema não é a lei, o que acontece é que há uma falta de estrutura para que esta seja cumprida na sua integralidade", afirma, lembrando que a atual lei já prevê encaminhamento médico no caso de adictos, mas que o Estado não consegue usar desse artifício adequadamente por falta de estrutura.

Prevenção

O médico Luiz Alberto Chaves de Oliveira, especialista em dependentes químicos, estende o debate levantando a questão da prevenção, algo que se não for levado em conta – na sua opinião – inutiliza toda discussão em torno de descriminação ou legalização. "Punir com cadeia um usuário de drogas não contribui para absolutamente nada. Punir com cadeia o traficante é desejável, mas acho que, às vezes, fica muito difícil fazer essa diferenciação corretamente", diz.

Segundo ele, é necessário que se criem instâncias técnicas de encaminhamento capazes de diagnosticar se o indivíduo é ou não dependente. Se assim for considerado, ele deve ser encaminhado para aconselhamento ou tratamento, dependendo do caso. "Falar em descriminação ou legalização sem um programa sério de prevenção e sem estrutura para atender o usuário é hipocrisia", declara o médico que é diretor do Centro para Dependentes Maria Tereza, em São Paulo.

O presidente do Conen (Conselho Estadual de Entorpecentes do Estado de São Paulo), o advogado Maurides de Melo Ribeiro, também compartilha dessa opinião e, ao mesmo tempo, defende a descriminação para o usuário. "Vejo com bons olhos um tratamento diferenciado para o usuário. Acredito que o controle meramente repressivo é ineficaz. A sociedade pode promover um papel preventivo mais eficiente em relação aos prejuízos causados aos usuários, como por exemplo, o que vem ocorrendo com drogas lícitas como o cigarro."

O advogado explica que considera o projeto de lei como uma solução possível para o momento social e cultural vivido no país. "A repressão deixa de ser exercitada para objetivar a droga em si."

O presidente do Conen também acredita que a sociedade brasileira está suficientemente madura para experimentar novos conceitos nessa área como a distinção entre drogas leves e drogas pesadas e o estabelecimento de quotas para uso próprio, o que deve acontecer em

combinação com o aperfeiçoamento do aparto repressivo ao tráfico e à criminalidade organizada e a prevenção.

Revendo valores

O diretor do Cebrid e professor de psicofarmacologia da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), Elisaldo Luiz de Araújo Carlini, também considera que a lei de tóxicos no país deve ser revista. Na sua opinião, mandar um usuário de drogas para a cadeia ou interná-lo compulsoriamente num hospital psiquiátrico é um atraso.

Segundo ele, cada droga deve ser avaliada em relação aos malefícios que ela traz. "Sou a favor da descriminação da maconha, por exemplo, desde que haja uma ampla campanha de esclarecimento imparcial pelo país, fo-

- Há problema de drogas na nossa cidade? No bairro? Conhecemos famílias com esse problema em casa?
- Existem serviços de apoio e tratamento de dependentes de droga? Funcionam bem? Como?
- As famílias que vivem essa situação em casa, são preparadas para lidar com esse problema? Como podem ser ajudadas?
- Que medidas deveriam ser tomadas para reduzir os casos de dependência e suas consequências? O que depende das autoridades? O que depende de nós mesmos?

Seja vivo. Viva!

Diga não às drogas!

A droga é uma droga!

mentando seus efeitos negativos e positivos. Considero que os efeitos nocivos dessa droga são certamente menores ao ser humano do que a prisão ou a internação num hospital psiquiátrico brasileiro", conclui.

"Punir com cadeia um usuário de drogas não contribui absolutamente para nada. Punir com cadeia o traficante é desejável, mas acho que, às vezes, fica muito difícil fazer uma diferenciação correta" ..

(Dr. Luiz Alberto de Oliveira)

A droga em outros países

No Brasil, a lei em vigor (6.368, de 1976) não faz distinção entre drogas leves ou pesadas e não determina a quantidade de substância que diferencia usuário de traficante. Pela lei, a posse, compra ou transporte de qualquer quantidade de droga ilícita é crime com autuação em flagrante, podendo levar à detenção de seis meses a dois anos. Há jurisprudência para quantidades ínfimas de droga que descharacterizam o crime, mas se o juiz considerar que a droga não é para consumo próprio, portanto enquadrando-se em crime de tráfico, a pena sobe para 2 a 15 anos. O usuário pode responder processo em liberdade desde que consiga benefícios da lei 9.099 dos Juizados Especiais.

Na Holanda, embora o consumo não seja considerado crime, mas infração, as atividades relacionadas ao comércio continuam sendo puníveis, o que significa que as drogas não são legalizadas. A lei é baseada no princípio que o consumo de drogas é prejudicial à saúde do próprio usuário, tal como o uso excessivo de tabaco e de álcool, tratando da questão no âmbito da saúde pública. A lei holandesa instituiu a distinção entre drogas leves e pesadas em 1976, sendo a maconha e o haxixe considerados drogas leves, podendo ser portados em até 5 gramas. Embora a venda de qualquer tipo de droga seja considerada crime no país, há estabelecimentos específicos controlados pelo governo, os coffee-shops, onde são vendidas drogas leves mediante determinadas condições estabelecidas por lei. Segundo o governo holandês, essa medida visa evitar que os consumidores, principalmente os jovens, contra o perigo do circuito criminal do tráfico. A lei também determina o fornecimento e troca de seringas para dependentes de drogas injetáveis, como medida para evitar a contaminação desses usuários pelo vírus HIV, causador da Aids. O consumo de drogas pesadas no país tem baixado desde a liberalização de drogas leves na década de 70.

Nos Estados Unidos, embora a lei federal americana estabeleça pena de detenção de até um ano e multa de 5 mil dólares, o porte para uso próprio de pequenas quantidades é permitido em 11 dos 50 estados americanos. No Alasca, por exemplo, a Suprema Corte estabeleceu em 1975 que o cidadão naquele estado tem o direito constitucional de usar maconha na privacidade de sua casa.

A França também considera o porte e uso de drogas ilícitas como crime passível de prisão de até um ano ou aplicação de multa, embora, desde que enquadrado como usuário, o cidadão dificilmente é detido apesar de ter a droga confiscada. A venda de seringas é livre e dependentes de drogas injetáveis podem trocar gratuitamente seringas usadas por novas, ganhando, nesse caso, preservativos, água sanitária e folhetos explicativos sobre Aids.

Na Itália, um plebiscito realizado em 1993 aboliu as sanções aplicadas ao consumidor de drogas com o apoio de 55% dos votantes.

"Venha meu bem amado, saímos para o campo e passemos a noite no pomar... ali a você as minhas carícias"

(Cântico dos Cânticos 7,12-13)

Mulher: essa "imbecilitas naturae"

Itamar Bonfatti

Ex-Presidente Nacional do MFC

Amor a dois, enquanto rito sacramental do matrimônio, expressa bem o anúncio do Reino sendo construído. Em cada carícia e prazer oportunidades do casal selar pacto de caminhada e viver sempre a redescoberta da pele e do corpo, tudo na vida da graça de Deus. Isto ajuda os dois na comemoração constante e a cada vez que se encontram no cochicho, na intimidade absoluta reanunciam a Páscoa do Senhor como se dissessem um ao outro: - Isto é o meu corpo que eu desejo partilhar com você! Crescer na amizade, na sensualidade e no companheirismo faz aumentar junto do casal a união invocada por Paulo, aquela do Cristo com sua Igreja. (cf. Ef.5,25)

Na comunhão dos corpos, partilha do rito sacramental, ele e ela sempre estarão voltados ao prazer do outro. Construirão assim a intimidade libertadora onde não pontifica egoísmo e sim o sensível aos olhos, ao tato. Como salmo recitado - seria como repetir o Cântico dos

Cânticos? - está o afeto, o toque como fontes essenciais também do prazer, fecundação, prolongamento do carinho que transborda através do filho gerado. Tal e qual quando a Igreja nos fecunda pelo batismo.

Quem diria que no século XIII a mulher dentro da teologia oficial (!!) foi considerada portadora de "imbecilitas naturae" que no bom português quer dizer... "de natureza imbecil". Daí considerada incapaz de autonomia, fato que afetava o seu corpo e sua alma, assim como a sua inserção na sociedade onde vivia.

Apesar de tudo o mundo continuou rodando porque não pode parar... mesmo se alguém quisesse descer! E tem muita gente por aí que gostaria em pleno quase século XXI que... a terra, a História e os acontecimentos também parassem. De fato basta daquela moral autoritária e ranzinza que cria mau humor em tudo e em todos!

Extraído de "Contacto", editado pelo MFC - Juiz de Fora, MG

A fé é um dom politicamente encarnado, que tem razão de ser nesta conflitividade histórica na qual somos chamados, pela graça, a vivenciar o projeto salvífico de Deus.

O presidente, a Igreja e a política

O presidente não gostou da crítica dos bispos brasileiros ao fracasso de sua política econômica. Movido pela incontinência verbal, declarou na Alemanha que "assim como não me meto nos dogmas da Igreja, a Igreja não deve se meter na política".

Toda vez que o presidente se pronuncia sobre questões religiosas o resultado é desastroso. Outrora declarou-se ateu e, agora, faz profissão de fé, diz que nunca disse o que disse a milhares de telespectadores, entre os quais me incluo, ao responder pergunta de Boris Casoy.

Dom Ivo Lorscheider, bispo de Santa Maria e ex-presidente da CNBB, ao defender o documento da Igreja comparou o presidente ao general Médici.

Frente à afirmação de Dom José Maria Pires, então arcebispo de João Pessoa, de que "a Igreja fala de questões sociais por se preocupar com o homem", Médici retrucou: "É por se preocupar tanto com homem que os senhores vestem saias".

Não se pode separar fé e política, assim como não seria possível fazê-lo na Palestina do século I. Na terra de Jesus, quem detinha o poder político, detinha também o poder religioso. E vice-versa. Talvez soasse estranho, hoje, a certos ouvidos religiosos introduzir a leitura do Evangelho falando de Clinton e Nelson Mandela, Tony Blair e Yasser Arafat. No entanto, ao introduzir os relatos da prática de Jesus, Lucas primeiro nos situa no contexto político, informando que "já

fazia quinze anos que Tibério era imperador romano. Pôncio Pilatos era governador da Judéia, Herodes governava a Galiléia e seu irmão Felipe, a região da Ituréia e Tracônites. Lisâncias era governador de Abilene. Anás e Caifás eram os presidentes dos sacerdotes" (3, 1-2).

Foi sob o símbolo da cruz que a colonização ibérica na América Latina promoveu o genocídio de 30 milhões de indígenas e o saque das riquezas naturais. Sob a silenciosa cumplicidade da Igreja católica, mais de 10 milhões de negros foram trazidos da África, como escravos, para o nosso continente. Com a convivência das Igrejas cristãs, instalou-se em nossos países o sistema burguês de dominação capitalista. Portanto, não se trata de vincular fé e política somente quando se refere à defesa dos mais pobres.

O fato de que fé e política estejam sempre vinculados em nossas vidas concretas, como seres sociais que somos - ou animais políticos, na expressão de Aristóteles - não deve constituir uma novidade senão para aqueles que se deixam iludir por uma leitura fundamentalista da Bíblia, que pretende desencarnar o que Deus quis encarnado. A fé é um dom do Pai a nós que vivemos neste mundo. No Céu, nossa fé será vã, pois veremos a Deus face a face, assegura São Paulo. Portanto, a fé é um dom politicamente encarnado, que tem razão de ser nesta conflitividade histórica na qual somos chamados, pela graça, a vivenciar o projeto salvífico de Deus.

Nem mesmo em Jesus é possível ignorar a íntima relação entre fé e política, ainda que, para alguns cristãos pareça estranho aplicar certas categorias. Àquele que nos assegura, por sua ressurreição, a vitória, em última instância, da vida sobre a morte e da justiça sobre a injustiça. Que Jesus tinha fé o sabemos pelos textos que falam dos longos momentos que ele passava em oração (Lucas 4, 16; 5, 16; 6, 12). A oração é para a fé o que o adubo é para a terra ou o gesto de carinho para o casal que se ama. O Evangelho nos fala até mesmo das crises de fé de Jesus, como as tentações no deserto (Mateus 4, 1-11; Marcos 1, 12-13; Lucas 4, 1-13) e o abandono que ele sentiu na agonia no horto das oliveiras (Mateus 26, 36-46; Marcos 14, 32-42; Lucas 22, 39-46).

Há quem insista que Jesus se restringiu a comunicar-nos uma mensagem religiosa que nada tem de política. Tal leitura só é possível se reduzimos a exegese bíblica à pescaria de versículos, arrancando os textos de seus contextos. Ora, não é só o texto bíblico que revela a Palavra de Deus, mas também o contexto social, político, econômico e ideológico, no qual se desenrolou a prática evangelizadora de Jesus.

Todos nós, cristãos, somos inelutavelmente discípulos de um prisioneiro político. Mesmo que na consciência de Jesus houvesse apenas motivações religiosas, sua aliança com os oprimidos, seu projeto de vida para todos (João 10, 10), tiveram objetivas implicações políticas. Por isso ele não morreu na cama,

mas na cruz, condenado à pena de morte.

Já na introdução de seu evangelho, Marcos mostra como as curas operadas por Jesus - o homem de espírito mau, a sogra de Pedro, os possessos, o leproso, o paralítico, o homem de mão aleijada - desestabilizaram de tal modo o sistema ideológico e os interesses políticos vigentes, que levaram dois partidos inimigos - o dos fariseus e o dos herodianos - a fazerem aliança para conspirar em torno de "planos para matar Jesus" (3, 6). Assim, vê-se que as implicações políticas da ação salvífica de Jesus tornaram-se tão graves e ameaçadoras, que induziram Caifás, em nome do Sinédrio, a expressar que era "melhor que morra apenas um homem pelo povo do que deixar que o país todo seja destruído" (João 11, 50).

E como situar, no contexto da Palestina do século I, a questão ideológica?

Lucas registra que "Jesus crescia tanto no corpo como em sabedoria" (2, 52).

Era pois um homem de seu tempo e que, segundo Paulo, "pela sua própria vontade abandonou tudo o que tinha e tomou a natureza de servo e se tornou semelhante ao homem" (Filipenses 2, 7). A divindade de Jesus não transparecia por uma consciência que pudesse emergir completamente de seu contexto cultural e sobrepor, onisciente, acima do tempo e do espaço. Tal possibilidade adequa-se à imagem grega de deus e não à imagem bíblica.

Jesus era Deus encarnado e possuía a mesma natureza do Pai. Segundo o Novo Testamento, "Deus é amor. Quem vive no amor vive em união com Deus e Deus vive em união com ele" (1 João 4, 16). Portanto, Jesus era Deus porque amava assim como só Deus ama. E nisto consiste a nossa imagem e semelhança com Deus: é divina a natureza de todo amor de que somos capazes.

E o somos como abertura a Deus, que nos habita mais profundamente do que o nosso próprio eu, e nos faz acolher o próximo. No entanto, nossa consciência, como a de Jesus, permanece tributária de nosso lugar social e de nosso tempo histórico. Em Jesus, Deus acolhe preferencialmente os oprimidos, em cujo lugar social se encarna e a partir do qual anuncia a universalidade de sua mensagem de salvação.

Não há pois neutralidade. Jesus assume a ótica e o espaço vital dos pobres. Seu ponto de vista é a vista situada a partir de um ponto - o da Promessa que ressoa como bem-aventurança aos que injustamente foram privados da plenitude da vida.

Há também em Jesus um vínculo profundo entre sua fé e a ideologia apocalíptica, que o fez esperar com tanta expectativa a eclosão do Reino de Deus ainda para a sua geração (Marcos 9, 1).

Muitos exegetas estão de acordo que a crise maior de Jesus foi constatar que não haveria coincidência entre seu tempo pessoal e seu projeto histórico. O Reino, que

se antecipou em sua vida e ressurreição, exigiria a Igreja como sacramento histórico capaz de anunciarlo, testemunhá-lo e prepará-lo na acolhida do dom de Deus.

Nesse sentido, a opinião de que a Igreja não deve ser meter em questões sociais e políticas revela uma soberba ignorância quanto à natureza e à missão da comunidade fundada por Jesus. Assim como todo cristão, inclusive o neófito

presidente, tem o direito de debater inclusive questões dogmáticas da Igreja, pois a fé, como ensina meu confrade Tomás de Aquino, "é um dom da inteligência".

*Frei Betto é escritor, autor de "Sinfonia Universal - a cosmovisão de Teilhard de Chardin" (Atica), entre outros livros. MHP Agente Literária - Assessoria de Imprensa
E-Mail: mhp@imagelink.com.br
Fone/Fax: 55-21-286.9188*



Livros: lançamentos recentes

Rubem Alves

"E aí? Cartas aos adolescentes e seus pais"
Papirus Editora

Rubem Alves

"Concerto para corpo e alma"
Papirus Editora

Helio Amorim

"Descomplicando a fé"
Paulus Editora

Marcelo de Barros

"A noite do Maracá"
Editora da UCG - Rede

Marcelo Barros

"Conversando com Mateus"
Paulus Editora

Frei Betto

"A menina e o elefante"
Editora FTD



Uma entrevista virtual com Morris West, autor de "As Sandálias do Pescador" e dezenas de outros livros de enorme êxito literário em escala mundial.

O testemunho do peregrino

Beatriz Reis
Ex-Presidente Nacional e Latino-Americana do MFC

Ao ler o livro de Morris West "Do Alto da Montanha – O Testemunho do Peregrino", fiquei impressionada com a diferença da realidade – aliás das realidades – da Austrália e de nossos países latino-americanos. Muitos fatos e posições apresentados pelo autor me tocaram.

Surgiu, então, a idéia de, tendo por referência as opiniões e descrições apresentadas pelo autor nesse livro, elaborar uma entrevista imaginária, ou mesmo "virtual", com Morris West, visando a divulgar os trechos que me pareceram mais importantes no livro.

Ao completar 80 anos, muitos amigos do autor pediram que ele escrevesse um livro sobre sua vida. Embora reticente, de início, o autor acabou escrevendo o livro citado, no qual resolveu rever, analisar e criticar a realidade em que vivera, a influência que dela sofrera e, finalmente, o homem que resultara de tudo isto.

Cabe ressaltar que, a entrevista "virtual" consiste de perguntas por mim elaboradas, respostas do próprio autor, baseadas em citações (sic) do livro citado, bem como de algumas poucas interpretações minhas (trechos nos quais as aspas não aparecem). É importante destacar que, em nenhum momento pretendi descharacterizar as idéias, opiniões e visões do autor, nem com as poucas interpretações pessoais, nem com a organização das idéias expostas no livro em forma de entrevista.

Pergunta: *Como o senhor se sente diante de seu trabalho autobiográfico?*

Morris West: "Fui solicitado, muitas vezes, a escrever a história da minha vida. E sempre me recusei. Os registros de minha existência e obras já foram apresentados sob os respeitáveis véus da ficção. O que exponho aqui, em vez disso, é um ato de fé: o testemunho de um peregrino com uma concha de amêijoa no chapéu, um cajado na mão, com oitenta anos de vívidas recordações na mente e em suas doloridas juntas. É também uma celebração da sobrevivência e o reconhecimento dos impreciosos dons que a tornaram possível."

Pergunta: *Por quê motivo foi escolhida a expressão "Do Alto da Montanha" como título de sua autobiografia?*

Morris West: "Ao olhar para trás, vejo um longo e gradual declive com todos os seus lineamentos visíveis." ... "A paisagem é silenciosa e deserta" ... "mas outrora, na verdade, fora um campo de batalha, ruidoso devido ao fragor da refrega."

Pergunta: *Como define a família e o meio no qual foi concebido?*

Morris West: "Nasci em uma família católica de origem irlandesa e australiana, em uma época em que os irlandeses mantinham, ainda vívida na memória recordações das perseguições." ... "Fui educado por

professores que valorizavam o ensino porque seus antepassados foram instruídos nas restritas escolas da Irlanda. Nossos pastores foram homens que deixaram a terra natal para manter viva a fé em uma distante e estranha terra, fundada como uma colônia penal. Éramos uma comunidade excludente e excluída. Aprendemos, pelo menos, o fundamental da caridade porque dela tínhamos recíproca necessidade. Conhecemos as asperezas da política porque precisávamos lutar com unhas e dentes para exercer alguma influência em uma comunidade ainda dominada pelo império britânico."

Pergunta: *Como e quando passou a viver com os Frades Irlandeses? Quanto tempo viveu com eles e por quê os deixou?*

Morris West: "Quando eu era muito jovem, antes dos quatorze anos, ingressei, como postulante, na Congregação dos Frades Irlandeses, meus antigos professores. Minha vida familiar não era feliz; meus pais estavam separados. Não obstante, não posso lamentar carência de amor, porquanto o tive em larga escala em minha extensa família irlandesa.

Quanto a mim, a decisão de juntar-me à congregação foi um ato de fuga. Porque a congregação era parte de um programa intitulado "Estímulo às Vocações", mas, na realidade, que, conforme o vejo agora, era uma forma de sedução dos jovens e imaturos para uma escolha

"Acredito em Deus, embora não possa apresentar provas de sua existência, apesar de não acreditar em tudo o que está escrito ou aprovar tudo o que é feito em nome de Deus".

que não estavam preparados para assumir."

"Minha permanência na congregação durou doze anos e terminou na véspera de meus votos finais juntamente com a agoniada decisão de retornar ao mundo em relação ao qual era quase que totalmente ignorante. Em minha vida religiosa encontrei uns poucos santos, um certo número de aleijões emocionais, alguns brilhantes eruditos, uma larga quantidade de homens comuns, tais como eu, e um punhado de indivíduos maliciosos de quem, ainda hoje, não me posso recordar sem uma ponta de ressentimento. Eu mesmo não nasci para monge. Eu era impaciente, insatisfeito, enfatiado diante da obediência e do celibato; todavia, servi honrosamente durante o período dos votos que havia feito. A anotação de minha renúncia é clara: desisti de continuar."

Pergunta: Quais foram suas experiências enquanto viveu com os Frades Irlandeses e como reagiu a elas?

Morris West: "A teologia que nos era transmitida era a da antiga forma tridentina: Escrituras e Tradição. O único e autêntico repositório da tradição, o único árbitro da fé e da moral era a Igreja - Santa, Romana, Católica e Apostólica. Os modernistas eram execrados, juntamente com os luteranos, os anabatistas e os antigos donatistas. Quando os católicos eram perseguidos, transformavam-se em mártires." ... "Embora estivesse profundamente condicionado à época, não poderia vir a admitir posições tão contraditórias, inefáveis; à minha inquietação emocional foi acrescentado um componente de incerteza intelectual."

Pergunta: Explique outras experiências derivadas do ambiente que foi o seu durante tanto tempo.

Morris West: ..."na congregação sofri minha primeira experiência das técnicas desenvolvidas para a lavagem do cérebro humano e para a sujeição do espírito humano. Eram praticadas pelo meu superior de noviços, a quem, embora há longo tempo falecido, ainda encaro como homem ignorante e rústico, psicologicamente deformado, anti-intelectual, espiritualmente obliterado, o que provocou graves e, por vezes, irreparáveis danos a muitos dos jovens postos sob seus cuidados."

..."Ele foi o primeiro intimidador oficial com que me defrontei. Odiei a raça desde então, fossem marxistas, fascistas, burocratas ou grosseiros sargentos do exército."

"Aprendi muito com ele, no entanto. Aprendi a silenciar e a esperar. Aprendi quão inútil é discutir com surdos. Aprendi a jamais confundir a verdade com a pessoa que a pregava ou a pervertia, sempre a suspeitar do desvairado evangelista que bradava: *"Este é o caminho do céu. Sigam-me e eu os levarei até ele."* Meu ofício é a palavra e, cedo, descobri quantas contradições podem ser lidas em um só texto."

"Há mais outra severa lição. Meu superior de noviços era um homem sem amor. Jamais havia conhecido o amor e, em consequência, não poderia dá-lo. Ele pautava sua vida pela rotina, pelo ritual e pela palavra bíblica. Às mulheres, embora fosse um homem atlético, temia-as tanto que se afastava a passo rápido quando elas se aproximavam. Rezava para que nunca fosse como ele. Eu sabia que jamais poderia acreditar no Deus que ele proclamava. Para alcançar a calma de que, graças a Deus, eu agora desfruto, tive de aprender a perdoá-lo."

Pergunta: O que mais o escandalizou?

Morris West: "O que não posso perdoar, e que jamais perdoarei, é a crueldade impessoal que as instituições - a minha própria igreja, entre

elas - praticam com seus membros e justificam com milhares de argumentos, nenhum dos quais considero aceitáveis. Dei combate a essa crueldade ao longo de toda a minha vida.

Apego-me firmemente à mensagem do evangelho de que, a autoridade é obtida através dos serviços prestados e não pelo exercício do poder. A magistralidade é própria do clero e qualquer outro uso que se faça dela é perversão.

Pergunta: O senhor acredita em Deus?

Morris West: ..."Sim, acredito embora não possa apresentar provas de sua existência, apesar de não acreditar em tudo o que está escrito ou aprovar tudo o que é feito em nome de Deus. Acredito que toda a criação é a imagem de Deus e que as mais diversas crenças englobam uma verdade essencial."

Pergunta: E quanto ao gênero humano?

Morris West: ..."Que somos animais maliciosos e, algumas vezes loucos. Que nosso gênero é passível de ser melhorado, todavia jamais, nunca perfectível. Essa brutalidade irá degradar-nos e apenas o amor, o respeito, a capacidade de perdoar poderão nos enobrecer."

"Não acredito em sujeição disciplinar baseada no medo. Surpreendo-me, constantemente, face a

“O mistério é que os seres humanos procuram Deus, assim como uma semente, semeada na terra escura, impele a brotação para cima a fim de se expor ao sol.”

muitas pessoas que a consideram aceitável.” ... “A existência humana é perigosa e áspera e inexistem respostas fáceis aos seus dilemas. Deus não está em toda parte, invariavelmente, como testemunho da criação. É essa aparente ausência que é o mais difícil teste de fé, esperança e amor.”

“Nenhuma crença define Deus.” ... “O mistério é que os seres humanos procuram Deus, assim como uma semente, semeada na terra escura, impele a brotação para cima a fim de se expor ao sol. É esta instintiva procura pela energia da vida, este ato de voltar-se para a fonte do ser que constitui a natureza da experiência humana. É isto que torna o nascimento importante e a morte uma apropriada conclusão da vida.”

“Nosso Senhor não inventou a tábula do direito canônico. Ele não ditou a *Summa* de São Tomás de Aquino. Ele sentou-se ao pé de uma encosta, equilibrou-se em um barco balouçante afastado da praia. Falou

em sinagogas e nas casas de gente do povo.”

Pergunta: Vivemos no centro de um mistério. Como transmiti-lo?

Morris West: “Precisamos admitir, inicialmente para nós mesmos, e a seguir, muito humildemente, para o outro, que vivemos no âmago do mistério obscuro, o qual só podemos descrever, até agora, por meio de alegorias e lendas ou mediante estéreis e incompletas fórmulas da ciência natural.”

“O ato de fé não é um salto da escuridão para a luz. É uma afirmação de que a luz existe para além da escuridão, de que o caos e as desumanidades da existência fazem, ao fim e ao cabo, algum sentido, e que o ato criativo primordial, com tudo o que se seguiu a ele, foi um ato de amor.”

“A mais forte compulsão para acreditar não é a razão, é a necessidade. Não suportamos viver em um universo enlouquecido.”

Pergunta: Como encara a posição da Igreja diante da guerra?

Morris West: Conservadora, como sempre foi, e em consequência alienada.

“Minha carreira magisterial começou em 1934” ... “um ano de eventos que abalaram o mundo: Hitler, então chanceler da Alemanha, articulou a *“Noite das Facas Longas”*, uma licenciosa festa homicida

que eliminou toda oposição efetiva ao seu regime; o chanceler Delfuss foi assassinado na Áustria; Mao Tsé Tung iniciou a grande marcha”.

“Entretanto, em nosso pequeno e suburbano recanto, os ecos desses eventos eram postos em surdina como se fossem o murmúrio de uma distante tempestade. Os juniores estavam proibidos de ler jornais seculares. A imprensa católica, à época, era notoriamente paroquial e sectária. O efeito dessa censura em mim foi o lento fermentar da dúvida e do descontentamento”.

Pergunta: E qual foi a influência dessa postura da Igreja em sua vida?

Morris West: “Eu não mais era o indivíduo inquestionador, o sincero crente em toda e qualquer coisa insignificante do cânon.” ... “Eu precisava libertar-me da servidão a que me devotara. O que eu não compreendia era que fora despojado de minha própria e frágil identidade e não ousava, ainda, rejeitar o artefato religioso que me deram a fim de substituí-la.”

“Assim sendo, foi somente no final de 1939, quando eu deveria pronunciar meus votos finais e irreversíveis que tomei a decisão de que não poderia continuar.” ... “Tudo o que sabia é que precisava abandonar a congregação e, de alguma forma, em algum lugar, iniciar uma nova vida. Seria o instante da alforria; não obstante, mesmo depois que ultra-

Creio que o Espírito, como o vento, sopra para onde quer e que agimos como grandes tolos quando tentamos demarcar ou determinar a ação do Espírito.

passasse os portões do colégio essa libertação não se concretizaria.

Eu realmente ignorava quem eu era e para onde estava indo. Meus familiares eram estranhos para mim. Eu não os via havia quase um decênio. Viviam a cerca de mil quilômetros de distância.” ... “Havia guerra na Europa, porém seus ecos eram apenas murmúrios e haviam me ensinado que eu estava empenhado em um desafio básico, mais importante, a luta com o mundo, a carne e o demônio.

Ainda me sentia no cativeiro, porém agora em solitário confinamento. Em um sentido verdadeiramente real eu havia perdido, até mesmo, a linguagem com que poderia vir a me comunicar nesse novo e estranho caos.”

Pergunta: Como reagiram os australianos com a irrupção da guerra?

Morris West: “Lembro-me do ano de 1934...” ... “Eu me sentia cheio de zelo e inocência, calamitosamente ignorante do que acontecia pelo mundo – o que, de uma forma ou de outra, era muita coisa.”

"Os japoneses haviam colocado Pu-yi como imperador fantoche mandchu. A Rússia e a Finlândia firmaram um pacto de não agressão válido por dez anos. Hitler e Mussolini encontraram-se em Veneza. O rei Alexandre, da Iugoslávia, fora assassinado em Marselha, e Hitler, mediante plebiscito, foi confirmado com *fürher* da Alemanha. Marie Curie falecera e, sem que nenhum de nós tivesse tomado conhecimento, Sophia Loren nasceu."

"Era uma época estranha, um tempo fantástico. Esperava-se que os japoneses invadissem o território australiano. Não tínhamos idéia de onde eles poderiam atacar. Todo o norte da Austrália estava cercado. Cada unidade mantinha-se alerta, à espreita dos inimigos infiltrados. Aviões inimigos de observação surgiam diariamente. Certas vezes arremessavam algumas bombas, porém na maioria das ocasiões nada faziam.

Os mangues eram silenciosos e sinistros. A fímbria da selva era cheia de mistério para um jovem e inexperiente tenente criado no sul temperado. Levei algum tempo para perceber o fato de que aquele era meu primeiro comando. A vida dos homens, e inúmeros segredos militares, estavam em minhas mãos. Comecei a crescer."

Pergunta: Qual a influência desses acontecimentos em sua visão da vida e em sua relação com a Igreja e com Deus?

Morris West: Foi de surpresa, dúvida e também crise de fé.

"Quanto mais velho fico, mais me convenço de que cada vida humana é um processo evolutivo, durante o qual o Criador oferece uma experiência divina, uma oportunidade grande ou pequena de compartilhar o avanço do ato da criação."

"A única maneira pela qual pude chegar a um acordo com uma criação violenta, que mais cedo ou mais tarde a maioria do gênero humano a experimenta, é encará-la não como um processo evolutivo orientado para um final triunfante em que mesmo os desnaturalizados paradoxos farão algum sentido divino."

"Conforme Teilhard de Chardin embora eu ame a Igreja, na qual nasci e fui batizado, não consigo viver em paz com ela. Levou-me muito tempo a compreender que uma comunidade de crentes jamais é pacífica. É sempre inclinada à discussão e abrasiva."

"... em uma sociedade civilizada, o erro deve ser expresso tão livremente quanto a verdade; caso contrário, como iremos distinguir um da outra? A liberdade precisa ser preservada em caixas marcadas. A justiça deve ser proporcionada àqueles que menos parecem merecê-la. "os direitos das pessoas desamparadas devem ser mais fortemente defendidos."

"Jamais podemos esquecer que a tirania começa pela intencional diminuição da dignidade. O prisioneiro político é desnudado diante de seus interrogadores. A função do torturador não apenas é a de ferir, mas degradar. A função do propagandista é criar bodes expiatórios através da caricatura."

"... permita que eu esclareça os termos da afirmativa que sustenta a todos nós. Acredito na ação do Espírito Santo no interior da assembleia visível e invisível do povo de Deus. Creio que o Espírito, como o vento, sopra para onde quer e que agimos como grandes tolos quando tentamos demarcar ou determinar a ação do Espírito. Estendo-me mais ainda para dizer que quando nós – qualquer um de nós, humilde ou importante na assembleia de fiéis – tentamos estabelecer limites à ação protetora do Espírito, cometemos uma transgressão como cristãos."

"Sinto-me entristecido pelo que vejo acontecer na comunidade da qual fui membro durante toda a minha vida. Digo-o não em desespero mas em lamentação pelas pessoas boas, jovens e idosas, que estão perdidas para nós, que estão perdendo a esperança e a crença na relevância da mensagem evangélica. Por isso, nós, os mais velhos, somos, em parte

os culpados. Em parte, também, são culpados os que dirigem a Igreja, porquanto, em muitas oportunidades, optaram pela autoridade em detrimento da caridade. Sua abordagem legalista à vida humana aliena nossos irmãos e nossas irmãs e desfigura a imagem familiar da Igreja."

"Pois estou certo de que nem a morte, nem a vida, Nem os anjos, nem os principados, nem os poderes, Nem as coisas presentes, nem as coisas que virão, Nem a força, nem a altitude, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura, Serão capazes de nos separar do amor de Deus Que existe em Jesus Cristo nosso Senhor"

"Do Alto da Montanha expõe uma extraordinária unidade: as peças de um grande quebra-cabeças colocaram-se em seus lugares. Fui conduzido ao local de contemplação. Não posso ver a mão que me guiou; não obstante, sinto que ela está aqui e estou agradecido pelo seu toque protetor."

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:
West, Morris, "Do alto da montanha; o testemunho de um peregrino", tradução de Jaime Rodrigues. - 3^ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 1998.



"Quem sou eu? Eu sou muitos". (Rubem Alves)

Permitam-nos um pouco de sarcasmo crítico e humor negro sobre a tragédia que nos angustia.

Uma solução neoliberal para as guerras

Helio Amorim
Editor de Fato e Razão

Há um impasse a resolver em Kosovo. De um lado os extermínios programados da terrível e insana "faxina étnica" que nos recordam as barbaridades do nazismo. Do outro lado a desastrada e truculenta intervenção dos xerifes do mundo. E por baixo o povo esmagado pela insanidade generalizada. Como resolver esse impasse?

Como os sócios da OTAN não levam em conta pessoas, vamos sugerir dinheiro. Disto eles entendem. Como se sabe, o dinheiro sempre os comove e sensibiliza.

Propomos uma fria negociação comercial para uma paz em bases rigorosamente capitalistas visando ao lucro e ao bom retorno dos investimentos.

Sairiam de campo os generais que não sabem negociar sem mísseis e entrariam empresários das Nações Unidas, designados pela OTAN, que lhe é superior no comando do mundo, hábeis em negociações internacionais.

Essas negociações seriam precedidas de orçamentos estimativos dos custos previstos da guerra. De cada lado deveriam ser calculados os custos de aviões (cada bombardeio B-2 custa 2 bilhões de dólares), tanques e outros tipos de equipamentos e veículos previsivelmente destruídos; as despesas de salários, alimentação e transporte de dezenas de milhares de soldados antes, durante e depois dos conflitos (mortes não serão contabilizadas, porque o seguro paga); as despesas médicas com feridos; os custos do transporte de cadáveres de militares para a sua terra de origem e os preços dos enterros com honras especiais e caras medalhas por bravura; os custos de combustíveis e de manutenção de equipamentos; os custos de munições, mísseis, foguetes, tomahawks, cruisers e outras mortíferas criações da tecnologia bélica; o valor dos edifícios que serão certamente destruídos (calculados por corretores de imóveis de confiança para evitar a



A OTAN pediu desculpas por atacar por engano dois comboios de carroças e tratores de refugiados de Kosovo, matando pelo menos vinte e ferindo dezenas de kosovares: "Erros acontecem", disse o porta-voz da OTAN. É o quarto "erro que acontece", precedido pelo bombardeio do trem de refugiados e as bombas sobre aldeias, confundidas com fortificações anti-aéreas.

usual e esperta supervalorização da especulação imobiliária); e a lista vai longe.

Tudo calculado, as partes envolvidas começariam as negociações sob as câmaras da CNN (antes da entrada das câmaras, ficaria acertado entre as partes, como é usual, que os acertos financeiros colocados na mesa não incluirão os 20% de comissão pessoal para os negociadores, que sairão por baixo do pano, por acordo paralelo verbal, permitido pelo imposto de renda de membros da OTAN).

"Quanto você quer pela paz?" perguntaria Mr. Smith ao Presidente Milosevic.

"Quero 20 bilhões", diria o louco de lá, "já incluída a comissão das forças paramilitares do setor de faxina étnica".

"Absurdo", contestaria Mr. Smith. "Se insistir em propostas indecentes chamaremos o nosso presidente que só faz propostas decentes na sua vida pública e privada!".

O outro, com o cínico sorriso conciliador de aprendiz de especulador financeiro, diria:

"Calma, senhor. Estou aberto a uma contra-proposta honesta. Não sou radical nos meus negócios. Mas preciso cobrir o meu déficit fiscal para acabar com a inflação e ingres-

O custo da guerra na Iugoslávia

O Presidente Clinton pediu mais 5,9 bilhões de dólares ao Congresso, depois de gastar 1 bilhão no início das operações da OTAN. Mas o Pentágono prevê que os ataques terão que prosseguir por mais 5 meses, elevando os custos norte-americanos para 15,6 bilhões.

"Uma cifra mais próxima de 16 bilhões de dólares reflete de forma mais honesta e realista as nossas necessidades de emergência", informou o Deputado Tom Coburn.

Esta estimativa não inclui a parte dos outros países membros da OTAN.

asar no mercado globalizado em condições competitivas".

O argumento comove profundamente Mr. Smith, um ardoroso cruzado desses ideais neoliberais, que tem na pasta o orçamento da sua parte dos custos da guerra, estimados mesmo em quase 20 bilhões e sente pavor de déficits fiscais e inflação.

"Estou disposto a chegar aos 15 bilhões, Presidente Milosevic, em três parcelas semestrais corrigidas pela variação da bolsa de Belgrado", arrisca Mr. Smith, depois de aconselhar-se com seus assessores financeiros que lhe segredam: esse valor, com a comissão extra que vão pagar por fora, ainda fica abaixo das previsões, é um bom negócio. Ele tem na pasta o balanço contábil da guerra

do Vietnã que registra um custo final de 7 mil dólares por vietnamita morto.

É difícil prever o final dessa negociação, mas é certo que há comovente boa vontade dos negociadores, inspirados em sua fé no deus mercado e submissos aos seus dogmas neoliberais, nos quais se inclui a sagrada comissão facilitadora de negociações difíceis.

Entretanto, resta um problema: fechado o negócio, o congresso americano e a câmara dos comuns serão invadidos por legiões de revoltados lobistas da indústria bélica:

"A paz é um retrocesso inaceitável", bradarão irados, ameaçando suspender as contribuições das campanhas eleitorais do ano que vem.

Os de Israel ameaçarão derrubar o Primeiro Ministro, acusado de omissão numa decisão capaz de gerar enorme desemprego nas fábricas de mísseis e aviões de combate.

Os russos estarão calmos: seus armamentos obsoletos já ninguém compra para guerra. Seus únicos fregueses são países latino-americanos que precisam de sucatas inúteis mas fotogênicas, para entreter seus generais, assegurando assim que, entretidos com seus brinquedos, não se metam em política e acabem detidos em Londres depois de alguns estragos em sua terra.

Conclusão: para negociações de paz segundo as normas do modelo neoliberal será preciso planejar antecipadamente a reciclagem das indústrias bélicas dos países mais industrializados do planeta, para

João Paulo II e todas as lideranças mundiais condenam os bestiais massacres étnicos e a solução bélica para a situação na Iugoslávia. Todas as organizações humanistas do mundo devem apoiar essas condenações.

que sejam capazes de produzir, por exemplo, hamburgers e hot dogs, ketchup e batatas fritas, pipocas, chicletes, corn flakes e outras paixões da sofisticada gastronomia norte-americana. Só assim, a guerra se tornará desnecessária para garantir o elevado número de empregos que ela sustenta naqueles países, acalmando seus lobistas de plantão.

Ah, é verdade! Embora não interesse muito aos negociantes da paz à moda neoliberal, vale a pena lembrar que com essa paz comprada a preço de mercado milhares de jovens deixarão de morrer tão cedo, milhares de famílias não perderão suas casas, milhares de perseguidos deixarão de ser estuprados e assassinados, os bombardeios estúpidos não matarão inocentes à noite e as TVs de todo o mundo seguirão



ANTONIO RIBEIRO/GAMMA

Milosevic alimenta o extermínio de albaneses perversamente apelidado de "faxina étnica", que recorda o holocausto dos judeus pelo nazismo na Segunda Guerra Mundial.

tranquilamente retransmitindo as novelas da Globo, glória e orgulho nacionais, em vez de invadir a nossa pasmaceira de fim de noite com tão incômodas cenas de dor.

Este texto satírico do século XVIII, de forte crítica social ao tratamento desumano dado às crianças e trabalhadores do seu tempo, está aqui reproduzido com alguns cortes, mas sem adição.

Proposta: VAMOS COMER NOSSAS CRIANÇAS!

Jonathan Swift

Autor de "As viagens de Gulliver"

Texto escrito em 1729

É objeto de tristeza, para quem anda por esta grande cidade ou viaja pelo interior, ver ruas, estradas e portas de casebres apinhadas de mendigos seguidas de três, quatro ou seis crianças esfarrapadas, importunando os passantes com pedidos de esmolas.

Essas mães, incapazes de ganhar a vida com trabalho honesto, são obrigadas a gastar todo o seu tempo a vagar a esmo, implorando o sustento de seus desvalidos filhinhos que, ao crescerem, tornam-se ladrões por falta de trabalho. (...)

A questão portanto é: como essas crianças serão criadas e sustentadas? (...) Essas crianças raramente conseguem ganhar a vida roubando antes dos seis anos de idade, excetuando os extraordinariamente precoces. (...)

Foi-me informado por um americano de grande saber, que faz parte de meu círculo de amizades em Londres, que uma criancinha sadia e bem alimentada é, com um ano de idade, um alimento dos mais deliciosos,

nutritivos e saudáveis, quer ensopada, assada ou cozida, e não tenho dúvidas de que ela poderá também ser preparada como fricassé ou ragu. (...)

Uma criança dará para dois pratos, no caso de um jantar para amigos e, numa refeição em família, os quartos dianteiros e traseiros serão suficientes para a preparação de um prato razoável que, se temperado com sal e pimenta, poderá ser aproveitado no quarto dia como um ótimo cozido, especialmente no inverno. (...)

Reconheço que esse alimento será um tanto caro e, desse modo, muito adequado para os proprietários de terras, os quais, já tendo devorado a maioria dos pais, são os que têm mais direito sobre os filhos. A carne da criança poderá ser encontrada o ano todo, com maior abundância em março.

Aqueles que forem mais econômicos (como reconheço que os tempos atuais o exigem), poderão esfoliar a carcaça cuja pele, artificialmente preparada, se prestará à

confecção de admiráveis luvas para senhoras e botas de verão para cavalheiros refinados.

Quanto às nossas cidades, poder-se-á estabelecer matadouros para este propósito nas áreas mais convenientes; e podemos assegurar que açougueiros não faltarão, embora eu raramente recomende que as crianças sejam compradas vivas e preparadas imediatamente após o abate, como o fazemos com o porco assado. (...)

A falta de carne poderia muito bem ser suprida pelos corpos de jovens rapazes e raparigas com idade não superior a quatorze anos nem inferior a doze, tamanho o número de crianças de ambos os性os em todas as regiões que estão morrendo de fome por falta de trabalho e ocupação. Isso, é claro, a critério de seus pais, se vivos, ou caso contrário, de seus parentes mais próximos.

Mas, com a deferência devida a um amigo tão excelente e um patriota tão digno, não posso estar de pleno acordo com suas idéias. Isso porque, quanto aos machos, meu amigo americano assegurou-me, a partir de experiência freqüente, que a carne dos mesmos era geralmente dura e magra, devido aos contínuos exercícios, e que seu sabor era desagradável, e engordá-los não resolveria o problema.

Quanto às fêmeas, isso seria, eu creio, com humilde submissão, uma perda para o público, pois elas próprias logo tornar-se-iam reproduutoras; além disso, não é improvável que algumas pessoas escrupulosas poderiam vir a censurar tal prática (embora muito injustamente) como sendo um tanto cruel, o que, eu confesso, sempre foi para mim a mais forte objeção contra qualquer projeto, por mais bem intencionado que fosse. (...)

Algumas pessoas de espírito desalentado sentem grande preocupação com o imenso número de pobres que são velhos, enfermos ou aleijados, e têm-me solicitado que eu empregue meus pensamentos em descobrir que caminho tomar para aliviar a nação de um ônus tão penoso. Mas essa questão não me causa a menor preocupação, pois é fato sabido que essas pessoas estão, a cada dia, morrendo e apodrecendo, por causa do frio e da fome, da imundície e dos vermes, tão rápido quanto se possa esperar.

Quanto aos jovens trabalhadores, eles estão agora em condições quase tão promissoras quanto essas: eles não conseguem trabalho e, consequentemente, definham por falta de alimento, a tal ponto que, se a qualquer momento forem porventura contratados para o trabalho comum, não terão forças para executá-lo. E assim o país, e eles próprios, estão bem próximos de serem salvos dos males que virão. (...)

Esse alimento traria igualmente grande clientela para os hotéis, onde os cozinheiros certamente teriam a prudência de tentar obter as melhores receitas para o seu perfeito preparo; em consequência, teriam seus estabelecimentos freqüentados por todos os finos cavalheiros que se orgulham de seus conhecimentos na arte de comer bem, e um cozinheiro habilidoso, que sabe como satisfazer seus fregueses, inventará maneiras de cobrar por esses pratos o que ele quiser e bem entender.

Veríamos em breve mulheres casadas disputando honestamente qual delas poderia trazer ao mercado a criança mais gorda. Os homens tornar-se-iam tão afetuosos para com suas mulheres, durante a gravidez, como o

são agora para com suas éguas e vacas prenhas ou suas porcas prestes a parir, não as espancariam ou chutariam (prática, aliás, muito freqüente) com medo de um aborto.

Muitas outras vantagens podem ser enumeradas. Por exemplo, o acréscimo de algumas milhares de carcaças a nossas exportações de carne de gado em barris, a propagação da carne suína e o aperfeiçoamento de se fazer toucinho de boa qualidade, do qual estamos tão necessitados devido ao grande extermínio de porcos, tão freqüentes em nossas mesas, mas que, de modo algum, se compararam, em sabor ou magnificência, a uma gordinha criança de um ano que, assada inteira, fará bela figura numa recepção oferecida pelo senhor prefeito ou qualquer outra comemoração pública.

Deixo de mencionar muitas outras vantagens, pois aprecio a concisão.

Supondo que mil famílias desta cidade venham a ser consumidoras freqüentes de carne de criança, fora outras que as comeriam em ocasiões festivas, especialmente casamentos e batizados, calculo que o consumo (...) poderia chegar a vinte mil carcaças por ano. (...)

Não consigo pensar em objeção alguma que possa vir a ser levantada contra esta proposta. (...) Portanto, que não me venham falar de outros expedientes: de tributar nossos

proprietários de terras que, delas ausentes, somente lhes auferem os lucros. (...)

Desejo que os políticos, a quem desagrada minha iniciativa, e que talvez tenham a ousadia de tentar discuti-la, perguntem antes aos pais desses mortais se eles hoje não considerariam uma grande felicidade terem sido vendidos como comida na idade de um ano, da forma que ora proponho, e desta maneira evitado a perpétua sucessão de desgraças pela qual tiveram que passar, devido à opressão dos proprietários de terras, à impossibilidade de pagar o aluguel, sem dinheiro nem ofício, à falta dos meios de subsistência mais básicos, nem teto nem roupas para abrigá-los das inclemências do tempo e à perspectiva inevitável de legar à sua prole misérias semelhantes ou ainda maiores.

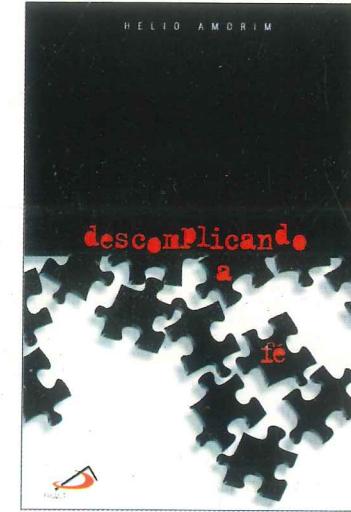
Declaro, com toda sinceridade de meu coração, que não sou movido pelo menor interesse pessoal, ao tentar incentivar essa tão necessária tarefa, não tendo outro motivo senão o bem público de meu país, através do progresso de nosso comércio, do cuidado de nossas crianças, do alívio para os pobres, dando também algum prazer aos ricos. Não tenho filhos, através dos quais possa lucrar um só centavo.

Texto condensado por Frei Betto



"Sei que existes, Senhor Deus, porque a beleza existe". (Adélia Prado).

LIVROS



Hélio Amorim

Descomplicando a fé

PAULUS Editora

Pedidos

Paulus Editora
Caixa Postal 2534
01060-970 São Paulo SP
Tel. (011) 810-7002

Livraria MFC
Rua Espírito Santo, 1059 / 1109
30160-922 Belo Horizonte MG
Tel. (031) 273-8842

À venda nas Livrarias Paulus

Peça também à Livraria do MFC os livros indispensáveis para a preparação ao casamento:

O ASSUNTO É CASAMENTO
Para os agentes de pastoral
8ª edição

AMOR E CASAMENTO
Para os que vão se casar
16ª edição

Este livro pretende ajudar a compreender a essência da fé dos cristãos, que ao longo dos séculos se foi complicando por uma profusão de leis canônicas, regras, orientações pastorais, condenações, normas, questões dogmáticas, preceitos, proibições e eruditas interpretações desencontradas de textos bíblicos. O resultado é a atual dificuldade que sentem muitos cristãos, especialmente os pais, para transmitir aos outros, e aos próprios filhos, a essência da sua fé.